

**MÁRCIO PEREIRA MORATO**

**A RIVALIDADE ENTRE  
TORCIDAS DE FUTEBOL EM  
CAMPINAS, SP**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
Campinas 2002



**MÁRCIO PEREIRA MORATO**

**A RIVALIDADE ENTRE  
TORCIDAS DE FUTEBOL EM  
CAMPINAS, SP**

Relatório Final Programa Institucional  
de Bolsas de Iniciação Científica SAE-  
UNICAMP sob a orientação do Prof.  
Dr. Jocimar Daolio.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
Campinas 2002

## **AGRADECIMENTOS**

---

A meus pais, origem de minha luz, meu ser, minha vida. Dedicaram toda sua vida juntos, para oferecer tudo de bom e de melhor que eu e meus irmãos poderíamos pensar em ter. Começo por ele, pois dificilmente estaria nesta situação sem sua imensa dedicação. Muito obrigado pai! Muito obrigado mãe!

A meu orientador Jocimar, que me conduziu nesta pesquisa, me dando pistas de como seguir meu caminho. Criticando, refletindo, elogiando, cobrando e é claro, orientando. Obrigado!

Obrigado também, a meus amigos, que dedicaram parte de seu tempo e paciência para me dar informações durante os jogos – meus informantes. Por motivos éticos não posso citar seus nomes aqui, mas eles sabem quão importantes foram nesta pesquisa.

A meu irmão Daniel e também meu amigo Anderson Szalai que leram meus escritos dando-me suas importantes opiniões.

E por último, a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para elaboração deste trabalho. Valeu galera!

## RESUMO

---

Considerando o futebol brasileiro como fenômeno cultural, este trabalho objetivou analisar as manifestações de rivalidade entre torcidas de futebol. Para isso, foram utilizados pressupostos teórico-metodológicos oriundos da Antropologia, dentre eles, a análise etnográfica. Acompanhamos torcedores de clubes de Campinas, SP (Ponte Preta e Guarani), em doze jogos, durante o Campeonato Brasileiro de 2001 e a Liga Rio-São Paulo de 2002. Foram seis jogos de cada equipe, incluindo dois "derbys", como é popularmente chamado o jogo entre as duas equipes analisadas. Também foram realizadas oito entrevistas com torcedores dessas equipes (quatro de cada time). A rivalidade entre torcedores adversários foi manifestada por meio de exposição de bandeiras e camisas, cantos e gritos de guerras, palavrões, além de outras formas. O time e a torcida rival sempre foram lembrados durante os jogos, mesmo quando não se faziam presentes no estádio. A relação entre torcedores rivais mostrou-se sempre demarcada pela constante tentativa de negação ou desqualificação do outro. Já na relação entre torcedores da mesma equipe, o que se observou foi uma certa competição entre eles, visando demonstrar quem tem maiores influências sobre a performance do time, tornando-se, assim, mais importante ao time.

Futebol – Torcida – Cultura.

# SUMÁRIO

---

1) Introdução	01
2) A Cultura	02
3) O Futebol no Brasil	04
3.1) A Malandragem	05
3.2) Os Membros Inferiores	05
3.3) A Igualdade	06
3.4) Vencer pelo Desempenho	08
3.5) A Imprevisibilidade	11
4) A Torcida	14
4.1) As Torcidas Uniformizadas: as primeiras coletividades	18
4.2) As Torcidas Organizadas: novo estilo	19
4.3) Os Torcedores Comuns	22
5) O Futebol em Campinas	24
5.1) Associação Atlética Ponte Preta	25
5.2) Guarani Futebol Clube	27
5.3) O Início da Rivalidade	29
6) O Torcer na Relação dos Campineiros	31
7) O Estádio: um Terreno Sagrado	41
8) Considerações Finais	58
9) Referências Bibliográficas	59
10) Anexos	
Roteiro para entrevista	61
Músicas e cantos das Torcidas Organizadas	62

# 1) INTRODUÇÃO

---

O futebol é tido como o esporte número um do Brasil. Mas, como sabemos, ele não é um esporte originário desta terra. Nascido na Inglaterra, o futebol chegou ao Brasil e rapidamente se popularizou. Há anos foi incorporado pela cultura brasileira. Movimenta milhares de torcedores que, ao nascerem, recebem um nome, uma religião e um time de futebol pelo qual vão torcer. Desde a infância até a velhice, faz parte da vida do cidadão nacional.

Devido à importância que o futebol tem para a sociedade brasileira, ele não pode ser visto somente como mais um esporte moderno com suas técnicas e táticas determinadas. Neste sentido, este trabalho vem propor uma discussão do futebol brasileiro como fenômeno cultural. Não pretendemos analisar táticas e técnicas utilizadas pelas equipes, muito menos propor novos métodos de preparação física para os atletas. O que pretendemos é utilizar o chamado "olhar antropológico" para olhar "lá de dentro" e depois de "fora para dentro", observando e analisando o futebol como expressão cultural do povo brasileiro. A partir de pressupostos antropológicos, discutiremos as dramatizações da sociedade brasileira que o futebol expressa, focalizando a pesquisa em uma das instâncias que fazem parte do "fenômeno futebol", a torcida. Ela vivencia no futebol uma série de emoções que vão sendo dramatizadas no desenrolar da partida. Compreendemos, portanto, que as manifestações dos torcedores são características de sua dinâmica cultural. Diante disto, pretendemos analisar a rivalidade manifestada por torcedores de dois times rivais do futebol brasileiro e, mais especificamente, da cidade de Campinas, Estado de São Paulo: Ponte Preta e Guarani, para melhor compreensão de suas atitudes.

## 2) A CULTURA

---

O ser humano é um ser dual, que compreende o corpo e o espírito, dizia Descartes. Para ele, o corpo seria a casa do espírito, entidade superior que dá vida ao ser. Nos tempos atuais este dualismo já está ultrapassado. O homem não mais possui um corpo, ele é um corpo. Corpo este que é biológico, estrutural e funcional e dá conta da primeira natureza humana, aquela que é inata. Mas então existe uma segunda natureza? Sim, a cultura. É ela a grande responsável pela diferenciação dos povos pois, biologicamente, somos muito parecidos. Possuímos intestino, fígado, rins; um complexo organismo semelhante a todos os seres humanos.

*“A cultura é uma segunda natureza, que a educação e os costumes acrescentam à primeira natureza, isto é, uma natureza adquirida, que melhora, aperfeiçoa e desenvolve a natureza inata de cada um” (Chauí, 1994, p.293).*

É através da cultura que as relações com o meio e com os outros seres são estabelecidas. Ela dita as regras, cria os costumes, crenças e toda uma simbologia utilizada pelos povos. É graças à cultura que nos comunicamos através de gestos e palavras. É a grande responsável por nós, brasileiros, agirmos e pensarmos diferentemente dos alemães, por exemplo. Isto ocorre porque a cultura cria as peculiaridades dos povos, que são passadas de geração a geração pelas tradições e educação. A cultura apresenta-se, então, como um processo inerente a todos os homens:

*“A cultura constitui um processo pelo qual os homens orientam e dão significados às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana” (Durham, 1977, p.34).*

A cultura é um processo simbólico pelo qual os humanos se “humanizam”. Somos seres culturais, porque, enquanto vivos, produzimos cultura. É ela que diferencia os humanos dos outros seres vivos. Diferentemente dos animais que agem por instinto, os homens agem de acordo com seus costumes e regras ditadas pela sociedade. Dão significados às suas ações. Simbolizam, raciocinam, questionam. “Cultivam” suas relações e criam através delas laços de intimidade que dão significado à sua vida, porque, para o homem, não basta viver somente para a procriação da espécie. Ele precisa dar sentido à sua existência e às suas ações, orientá-las. Por isso produzimos cultura. Produzimos no plural, porque a cultura é algo coletivo e não individual, pois nasce das relações, do contato. Cada povo tem “marcado” no seu corpo

como tatuagens, os símbolos de sua cultura. Seu modo de falar, de andar, de cumprimentar, de se divertir, de jogar. Geertz (1989) afirma que: "(...) [sendo] o homem um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise" (p. 15).

A frase de Geertz exprime com brilhantismo o significado de cultura. O ato de tecer exige todo um processo que vai sendo executado ao longo do tempo. Cada linha que é adicionada à teia vai modificando sua forma, vai acrescentando algo. A teia vai crescendo à medida que novas linhas são acrescentadas. Algumas não se adaptam, não adquirem força e não são utilizadas. É o produtor da teia (a sociedade) que escolhe (absorve) as linhas (valores, crenças etc.) a serem utilizadas (incorporadas). Portanto, estamos sempre produzindo cultura. Sempre incorporando novos valores sociais, comportamentos e crenças à nossa cultura. Eliminando ou modificando as linhas ultrapassadas da teia. Como exemplo disto, podemos citar o papel da mulher na sociedade, que até pouco tempo atrás não ocupava o lugar de destaque que ocupa agora no mercado de trabalho.

O futebol também é uma destas linhas que foi incorporada à teia de significados do povo brasileiro. Incorporou-se tão bem que hoje somos reconhecidos como o "País do Futebol", mesmo não tendo sido os inventores do esporte. É exatamente este casamento perfeito entre o futebol e o homem brasileiro que nos faz pensar na importância deste esporte em nossa cultura. O futebol é um ritual para os torcedores e outras pessoas envolvidas no esporte, e diante disto, Byington (1982) afirma:

*"Os grandes rituais de uma cultura ligam permanentemente o que é vivido na superfície e na profundidade da alma de um povo. (...). Exatamente como uma árvore se alimenta da seiva que recebe da terra através das raízes, os rituais nos trazem energia de crescimento na medida em que mantêm um povo profundamente ligado às suas próprias raízes culturais" (p.21).*

O futebol, portanto, não pode ser visto apenas como algo superficial, como um simples jogo que tem início e fim demarcados pelo apito do árbitro. Ele é muito mais do que isso, "mexe" com o cidadão nacional, acompanhando-o durante toda a vida, por todo o tempo e por várias horas durante o dia. O brasileiro come, pensa e respira futebol e, de certo modo, aprende, com e por intermédio dele, peculiaridades de sua própria cultura, mesmo de forma inconsciente, como salientou Byington (1982). Posto isto, discutiremos no próximo capítulo um pouco mais a fundo o fenômeno futebol no Brasil.

### 3) O FUTEBOL NO BRASIL

---

O Brasil confecciona muitas feias, produzindo uma grande dinâmica cultural. Mas apesar da enorme diversidade cultural, sempre somos lembrados como o país do carnaval e do futebol. O brasileiro espera ansioso por um ano inteiro a festa do carnaval e não seria diferente no caso do futebol, se ele fosse jogado apenas em certas épocas do ano. É o que acontece, por exemplo, com a Copa do Mundo, que é disputada de quatro em quatro anos e desperta atenção do mundo inteiro. No Brasil, gera enormes transformações no cotidiano. O verde-amarelo é visto em todas as esquinas, prédios, casas ou mesmo nas roupas. A bandeira nacional é pendurada em inúmeros lugares. Bares são decorados e preparados para transmitir os jogos, e o que é mais interessante: as pessoas são dispensadas mais cedo do serviço ou das aulas para poderem assistir aos jogos da seleção canarinho quando são transmitidos em horário comercial. Este fato é relevante, quando comparamos a Copa do Mundo de Futebol a uma Olimpíada. Nesta também ocorrem várias transformações, principalmente as que dizem respeito às cores e à decoração de nossas cidades, mas dificilmente os trabalhadores saem antes do expediente de trabalho para assistirem a Olimpíada.

A Copa do Mundo transforma a vida dos brasileiros. Isto também ocorre em dias de clássicos nos campeonatos regionais ou nacionais. O futebol é jogado o ano inteiro no Brasil. São vários campeonatos, muitos disputados simultaneamente. Os jogos são transmitidos para todo o mundo e isto contribui para que a imagem do homem nacional seja relacionada ao futebol. Ele passa ao resto do mundo a imagem do povo brasileiro, porque expressa nossa cultura. Mas como o futebol expressa a cultura do povo brasileiro, se ele nem mesmo é uma invenção legítima desta terra? Vogel (1982) já se perguntava porque este jogo é brasileiro sem ter nascido no Brasil, e nacional sem nos pertencer exclusivamente?

As respostas a essas perguntas intrigam muitos estudiosos. Eles chamam a atenção para as dramatizações da sociedade brasileira que o futebol proporciona. Para Daolio (2000), o futebol no Brasil:

*"(...) não é apenas uma modalidade esportiva com regras próprias, técnicas determinadas e táticas específicas; não é apenas manifestação lúdica do homem brasileiro; nem tampouco é o ópio do povo, como preferem alguns. Mais que tudo isso, o futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais profundas (...)" (p.35).*

O futebol remete-nos a várias características do homem brasileiro. São elas: a malandragem, o uso dos membros inferiores, a igualdade contrapondo-se às desigualdades, a chance de vencer pelos próprios méritos e a imprevisibilidade.

### **3.1) A Malandragem**

A malandragem é vivenciada por meio do drible (Daolio, 1997). Enganar o oponente com uma ginga de corpo, fingir que vai para um lado e sair para o outro, são características de nossos jogadores. No campo, o "jeitinho brasileiro" é identificado e visualizado através das jogadas individuais de nomes como Pelé, Garrincha, Zico, Romário, Ronaldo... que, por alguns momentos, se desprendem das táticas definidas pelo treinador, para vencerem as barreiras impostas pela equipe adversária. Estas características também são necessárias àquele trabalhador que "dá duro" para manter a família com um salário pouco digno. Precisa driblar as dificuldades, passando com criatividade sobre elas e seguir em direção ao gol, ao seu objetivo. Cria possibilidades, arrisca, às vezes erra, levanta, tenta de novo, até que consiga alcançar seu intento. O drible faz parte do cotidiano nacional tanto quanto do futebol e talvez seja por esta identificação que as jogadas de beleza plástica gerem tamanha empolgação da torcida.

### **3.2) Os Membros Inferiores**

A segunda característica é a questão do uso dos membros inferiores (Daolio, 1997). O uso das mãos denota amabilidade, é um comportamento mais civilizado. Já a utilização dos pés nos dá a idéia de agressão (Rosenfeld, 1993). Porém, vários jogadores conseguem demonstrar suavidade no fino trato com a bola. São vários exemplos como Pelé, Garrincha, Leônidas e muitos outros.

A mistura de raças talvez contribua neste aspecto. Não no sentido de que o cruzamento entre os diferentes povos que vivem no Brasil gere uma mutação e, com isso, um gene para a prática do futebol. Mas, sim, de que estes povos que vieram e foram trazidos para este país, trouxeram em sua bagagem, suas "marcas", crenças e tradições, ou melhor, suas culturas. Os negros com suas religiões e danças e os índios com seus rituais contribuem para que o caráter pejorativo dirigido à metade inferior do corpo - por conta dos órgãos sexuais e de excreção ali localizados - seja diminuído, pois as habilidades das pernas são necessárias àquelas danças e rituais. Os membros inferiores são valorizados tanto quanto os membros superiores naquelas culturas. Isto pode ser observado no samba e na capoeira, que dirigem aos pés bastante atenção.

O futebol, por ser um dos únicos esportes jogado com os pés, trabalha com este tema. O brasileiro, sendo uma mistura das raças negra, branca e indígena, e, portanto,

sendo influenciado por várias culturas, talvez tenha uma maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que indivíduos de outros países (Daolio, 1997).

### 3.3) A Igualdade

A terceira característica é a da igualdade das regras se contrapondo a diferentes modalidades de desigualdade. As regras transmitem certa igualdade para as equipes combatentes. Ambas possuem o mesmo número de jogadores: onze, incluindo o goleiro. A bola é colocada ao centro e cada equipe se posta em um lado do campo para defender sua meta. Ao término de um tempo, elas trocam de lado. Quando a bola sai pelas linhas limitrofes, tem de ser recolocada em jogo pela equipe que não a jogou para fora. A equipe que sofre um gol tem o direito de recomeçar a partida com nova saída no centro do campo. Mas esta idéia de igualdade não é exclusividade do futebol, e sim dos esportes modernos e dos jogos em geral. Lévi-Strauss escreve: *“No jogo, a idéia básica é a noção de igualdade no início da atividade, quando começa a disputa. Mas, é exatamente esta igualdade inicial que deverá transformar-se no decorrer da partida, cedendo lugar a uma dissociação no final (apud DaMatta et all, 1982, p.35)”*.

No futebol, esta dissociação citada por Lévi-Strauss não tem a obrigatoriedade de ser cumprida, pois é permitido que os jogos terminem empatados. Em outros esportes isto não ocorre, e a necessidade de um vencedor é exigida. Porém, existem esportes além do futebol (handebol, por exemplo) que também permitem o empate, mas são raros os exemplos e a incidência destes placares. O placar 0x0 dificilmente ocorrerá fora do futebol.

Com o futebol a igualdade é exercitada pela sociedade brasileira. Todos conhecem as regras. Sabem como elas operam. Existe uma ética: *“O exercício da ética no futebol é tão evoluído que trouxe até mesmo a codificação de não se marcar uma falta que beneficie o infrator” (Byington, 1982, p.29)*.

A igualdade e a ética exercitadas dentro das quatro linhas pelos jogadores e também pelos torcedores que participam da partida não extrapolam os limites físicos dos estádios. Fora do campo de jogo, o que se percebe não é a igualdade, nem tampouco a ética, mas diferentes caminhos de desigualdade.

Um clube pequeno não tem o mesmo poder de um clube grande, membro do Clube dos Treze<sup>1</sup>. Mesmo que dentro do campo as regras sejam as mesmas para ambos, fora dele, o clube grande consegue várias regalias. Tem um número maior de partidas transmitidas pela TV, conseqüentemente, maior porcentagem do dinheiro destinado aos clubes pelas emissoras que transmitem os campeonatos. Esta

---

<sup>1</sup> Associação dos clubes de maior expressão nacional. Apesar do número de filiados ter sido modificado de treze para vinte, o nome inicial foi mantido.

desigualdade acontece até mesmo em relação aos clubes grandes. Pode mais quem tem mais poder e influências, lembrando o nosso cotidiano.

Falando em rebaixamento, dificilmente um clube grande joga nas divisões inferiores. Sempre ocorrem as chamadas “viradas de mesa”, que nada mais são do que o uso do poder. Temos visto isto nos últimos anos, quando, por exemplo, o Fluminense disputou a primeira divisão a convite e não por merecimento, pois havia caído para as divisões inferiores e não conseguiu o “acesso na bola” através de formas legais e éticas, mas, sim, através de meios ilícitos e injustos.

Os jogadores dos clubes mais importantes têm a possibilidade do chamado efeito suspensivo<sup>2</sup>. Este artifício é utilizado pelos clubes, principalmente em partidas muito importantes. A torcida e o time adversário sempre ficam revoltados diante desta possibilidade. Mas alguns clubes possuem este poder. Conseguem interferir nas regras estabelecidas antes do início dos campeonatos, mudando-as a seu favor.

A hierarquia estruturada no futebol brasileiro, onde uns têm mais possibilidades que outros, parece correr em contramão ao seu desenvolvimento e contradiz a igualdade prevista pelas regras. O importante é que alguns passos já vêm sendo dados para a “limpeza” do nosso futebol. Entre eles, podemos destacar as CPIs do futebol<sup>3</sup>.

Voltando às desigualdades, entraremos agora na questão dos salários dos jogadores<sup>4</sup>. Num país com milhares de jogadores profissionais de futebol, a diferença salarial é muito grande, espelhando nossa sociedade de modo geral. Apenas uma porcentagem bem reduzida de jogadores recebe salários milionários. A maioria dos jogadores tem uma quantia bem singela à sua disposição. O sonho de se tornar craque do alto escalão leva vários jovens e garotos a aceitarem o que o clube que os acolheu tem a lhes oferecer, na esperança de que sejam mandados a um clube de maior prestígio. Muitos desistem, porém vários continuam em busca do sonho. Deixam de estudar para seguir as trilhas do sonho. Somente poucos conseguem. Os que não alcançam seus ideais, mas também não desistem, se vêem obrigados a aceitar o que

---

<sup>2</sup> Quando um jogador é punido pelo acúmulo de cartões amarelos ou por um cartão vermelho, ele é suspenso por uma ou mais partidas de acordo com as regras do campeonato em disputa. O efeito suspensivo cancela esta punição, fazendo com que os atletas possam jogar partidas importantes, independente da punição sofrida.

<sup>3</sup> São Comissões Parlamentares de Inquérito instaladas na Câmara dos Deputados e no Senado Federal para a investigação de alguns temas. O Futebol teve a “honra” de estrear duas delas: a primeira foi realizada pela Câmara. Presidida pelo Deputado Aldo Rebelo (PC do B/SP) e tendo como relator o Deputado Sílvio Torres (PSDB/SP) destinava-se a apurar possíveis irregularidades do contrato celebrado entre a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e a Nike. Teve duração de oito meses (04/10/2000 a 13/06/2001) e não houve votação do Relatório Final. A segunda (de 14/09/2000 a 06/12/2001) foi realizada pelo Senado e investigou fatos envolvendo as associações brasileiras de futebol. Teve como Presidente o Senador Álvaro Dias (PDT-PR) e como relator o Senador Geraldo Althoff (PFL-SC). O Relatório Final, aprovado por unanimidade, aponta a ocorrência de crimes de evasão fiscal, fraude cambial, evasão de divisas, sonegação de impostos, apropriação indébita e falso testemunho, além de sugerir a adoção de uma lei de responsabilidade social do futebol, tratando-o como atividade comercial e sujeitando os dirigentes à publicação de demonstrações financeiras e contábeis das entidades. ([www.senado.gov.br/jornal](http://www.senado.gov.br/jornal)). As CPIs estão fazendo sua parte que é o da investigação, cabe agora aos órgãos públicos a tarefa de indiciar os dirigentes que infringiram a lei.

<sup>4</sup> Gíria popular referente aos jogadores de futebol.

lhes é oferecido. Mais uma vez somos levados a lembrar da sociedade brasileira. Enquanto uns têm a possibilidade de cursar uma boa faculdade, ter um bom emprego e salário, a grande maioria se vê marginalizada, e mesmo indignada, acaba aceitando o que lhe oferecem, pois sem isso não há sobrevivência. E assim, utilizam o artifício do drible e da malandragem, como foi citado acima.

As questões vinculadas ao binômio *igualdade/desigualdade das regras* existentes no futebol fazem com que as pessoas que o acompanham tenham a possibilidade de vivenciar fatos corriqueiros do cotidiano, através de uma série de dramatizações de nossa sociedade, como observaram DaMatta et all (1982): *“O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil, seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”* (p.21).

### **3.4) Vencer pelo Desempenho**

Como quarta característica que queremos ressaltar em nosso futebol temos a questão da chance de vencer pelo próprio desempenho. Sabemos que existe toda uma ideologia que mitifica a profissão de jogador de futebol no Brasil. A porcentagem de jogadores que consegue certa notoriedade é muito baixa, se levarmos em conta o número de atletas profissionais existentes em nosso país. Existem muitos “craques de bola” que não se tornaram profissionais e muito menos enriqueceram com o futebol, como também existem muitos profissionais que não são craques. Para se vencer no futebol, as influências e relações estabelecidas são muito importantes. É diante deste quadro que tentaremos discorrer sobre esta característica.

Em esportes como o basquetebol e o voleibol, por exemplo, há a necessidade de algumas “exigências físicas”. Ser alto é a principal delas. Sem uma dada estatura, as chances de inclusão nestes esportes são bem diminutas. No futebol não existe esta “exigência” ou, se existe, é bem menos exclusiva ou rígida, pois o jogador pode ser deslocado de posição. Mantendo-se a questão da estatura, se um jogador é alto, pode ser goleiro, zagueiro ou atacante. Se não é, então sua posição é volante, meia ou lateral. Se lhe falta uma característica, ele ou a comissão técnica descobrem outras e o deslocam de função. Portanto, um baixinho como o Romário pode jogar e se tornar um astro, porque seu desempenho o levou a isto. Se faltar a técnica, pode compensar com força de vontade e resistência física, tornando-se bom marcador e ajudando a equipe. É o caso do jogador Mineiro, atleta da Ponte Preta na época da pesquisa, por exemplo, que tornou-se ídolo da torcida muito mais por sua raça e vontade demonstradas durante as partidas do que por suas qualidades técnicas. O jogador vence por seus próprios méritos, pois independente dos obstáculos impostos pelo futebol como esporte, as opções e alternativas para transpor estas barreiras são muitas. Nos outros

esportes isto se torna bem difícil porque as próprias regras exigem qualidades específicas dos atletas e, por isso, são mais exclusivas que o futebol.

Ainda sobre méritos e desempenhos, mas deslocando o olhar para a questão racial e social, encontramos alguns autores que discorrem sobre este assunto. Flores (1982) nos diz: "O futebol se apresenta como indicador de uma democracia social e racial, onde qualquer um pode atingir a notoriedade e a riqueza, sem restrições de origem social ou cor" (p.47). DaMatta et alli (1982) também contribui neste ponto quando fala sobre a utilização do futebol como um instrumento que permite experimentar a igualdade.

*"Uma forma de igualdade aberta e altamente democrática, pois que inteiramente fundada no desempenho. Diferentemente, portanto, das classificações rotineiras, onde as pessoas são definidas por meio de suas relações (pertencer a uma família, ter um título de doutor, receber um determinado espírito tendo com ele relações de compadrio, trabalhar para alguém poderoso, etc.), no futebol – e em todas as atividades recreativas em geral – as classificações são feitas pelo desempenho; ou seja: são individuais. Deste modo, ninguém pode ser promovido a astro do futebol pela família, pelo compadre ou por decreto presidencial, mas deve provar suas qualidades numa experiência empírica – experiência que é muito rara na sociedade brasileira, onde tudo tem o seu lugar e quem é bom já nasce feito<sup>5</sup>" (p.35).*

É no futebol, assim como na música e artes em geral, que a população marginalizada pela sociedade, pode mostrar seu valor e chegar à notoriedade pelos seus próprios méritos. Pela dificuldade que eles têm para estudar, de um dia chegar a cursar uma faculdade ou simplesmente terminar o ensino médio, torna-se praticamente impossível atingir a valorização da sociedade por meio do trabalho ou de outros caminhos semelhantes. O futebol pode lhes dar esta oportunidade. E existem alguns exemplos de jogadores que comprovam esta tese, concretizam e dão forma ao sonho destas pessoas. Transformam-se em mitos e heróis por conseguirem tal façanha e são ovacionados e sempre lembrados pela massa torcedora. Tornam-se pessoas públicas e suas histórias são contadas e recontadas pela mídia que, através de suas reportagens, alimenta este sentimento e contribui para a construção do mito: a ascensão social através do futebol.

A ideologia do craque se apresenta e é alimentada principalmente pela mídia e pelo mito. Quantos de nós já não sonhamos em ser jogadores de futebol? Talvez todo menino já tenha sonhado com isso, mas também se deparado com as dificuldades de realização desse sonho. Vencer pelos próprios méritos é contraditório com o que vem

---

<sup>5</sup> Grifo do autor original.

sendo observado no chamado futebol moderno. Com a crescente “mercantilização” do futebol – criação dos clubes empresas, patrocínio de empresas multinacionais, aumento do número de escolinhas de futebol (com destaque para as escolinhas de ex-atletas), a força das empresas de materiais esportivos e as influências da mídia – a questão da vitória pelo desempenho fica obscurecida.

As escolinhas de ex-atletas facilitam o acesso de alguns meninos com “apadrinhamento” aos clubes grandes. O caminho é bem encurtado para estes. E aqueles que não possuem influências e nem sequer o dinheiro para pagar as mensalidades, acabam ficando mais distantes, com um caminho bastante sinuoso para chegar aos mesmos clubes.

As empresas multinacionais, incluindo as de materiais esportivos, mantêm forte poder nas escalas e transações de jogadores, tanto nos clubes como nas seleções. Podemos citar o caso de uma empresa de material esportivo com a seleção brasileira. A maioria dos jogadores convocados para a Copa do Mundo de Futebol de 1998 também era patrocinada por esta mesma empresa. Embora se trate de um assunto ainda nebuloso, é digno de atenção, pois foi criada uma CPI para averiguação desse fato.

Por último, temos a mídia que, como sabemos, tem grande poder de persuasão. Pode levar uma pessoa do anonimato à fama, de herói a vilão, destruir ou construir uma carreira ou nome em pouquíssimo tempo. Com este poder, a mídia tem a capacidade de criar craques e ídolos, levá-los à seleção ou, por brigas e desafetos, destruir carreiras. Tudo isto levando em conta as relações entre patrocinadores e emissoras ou determinadas necessidades mercadológicas da mídia.

Não estamos, com esta discussão, tentando negar a possibilidade de ascensão pelos próprios méritos no futebol. O que estamos colocando é que estas características vislumbradas hoje em dia em nosso futebol precisam ser consideradas para uma análise mais crítica das relações e características existentes no esporte nacional. O futebol pode dar a possibilidade de deslocamento vertical na estrutura hierárquica da sociedade brasileira, ou seja, de ascensão social. Porém as relações e influências existentes no cenário futebolístico tornam ainda mais complexas estas questões, dificultando o acesso dos marginalizados, pois, como vimos, são raríssimas as exceções. Mas, mesmo diante das influências que uma pessoa possa ter no futebol, dificilmente virá a ser um jogador, se for um completo “cabeça de bagre”.<sup>6</sup> Isto reforça, então, o fato de que no futebol existe a possibilidade de vencer pelos próprios méritos.

---

<sup>6</sup> “Cabeça de bagre” é a gíria utilizada quando uma pessoa não tem a mínima intimidade com a bola. Pode ser considerado sinônimo do “perna de pau” e do “ruim de bola”.

### 3.5) A Imprevisibilidade

A quinta e última característica que propomos é a questão da imprevisibilidade. No futebol não se pode afirmar que o melhor time, o suposto favorito, irá vencer a partida. É exatamente esta capacidade de surpreender que se constitui num dos maiores trunfos do futebol (Oliveira, 2000). Outro autor, analisando a Copa de 1998, expressa sua felicidade diante desta imprevisibilidade: *“Felizmente, no mundial de 98, em mais de uma ocasião, o peixe pequeno comeu o grande, com espinhas e tudo. Isso é o bom que tem, às vezes, o futebol e a vida”* (Galeano, 2000, p.113).

O fato de o futebol ser jogado com os pés auxilia nesta quinta característica. A precisão é bem menor se comparada à utilização das mãos. Mesmo que a técnica seja bastante apurada, existem fatores anatômicos e fisiológicos que dão esta característica de maior precisão aos membros superiores.

Outro fato é a questão do espaço de disputa do jogo – o campo. É um espaço muito grande, no qual, mesmo com maior número de jogadores, a distância a ser percorrida para chegar na meta adversária é maior que numa quadra, por exemplo, fato que dificulta a marcação de gols.

O terceiro fato, que está intimamente ligado aos outros dois é a questão da pontuação. No futebol não existe o que podemos chamar de *somatória de pontos*. Um único gol pode decidir a partida. No voleibol, no basquetebol e no handebol, um ponto é só mais um ponto. Talvez ele até decida nos minutos finais, mas porque foi somado a outros pontos anteriores. Nestes esportes, um ataque dificilmente é desperdiçado. Os pontos vão sendo somados e ao final vence a equipe mais técnica, mais precisa. Isto dificulta que o “peixe pequeno coma o peixe grande”, como se diz na gíria futebolística. No futebol, é diferente. Uma equipe inferior técnica e taticamente pode armar uma *retranca*<sup>7</sup>, defendendo-se o jogo inteiro, e aproveitar uma falha do adversário, que teve várias chances, mas não foi eficiente e preciso nas conclusões, para se jogar ao ataque e marcar o gol que pode decidir a partida. Os placares elásticos daqueles esportes não são vislumbrados no futebol. Mesmo que existam as goleadas no futebol, elas ocorrem esporadicamente e são bem diferentes daqueles placares. O drible e a individualidade são lembrados aqui. É interessante observar como os aspectos estão todos interligados. As jogadas individuais ou os dribles podem originar um gol. Por isso, estes lances, juntamente com o gol, são sempre lembrados e valorizados pelo público e mídia.

A imprevisibilidade deste jogo acaba sendo um dos aspectos que mais influencia o homem nacional, que mexe com seus valores e crenças. Não é à toa que existe a expressão popular “futebol é uma caixinha de surpresas”. É diante deste quadro que no Brasil o futebol está associado a um sistema nacional de loteria, a chamada loteria

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada quando um time arma um esquema inteiramente defensivo.

esportiva. São quatorze<sup>8</sup> jogos do imprevisível futebol “transportados” para uma folha de papel, onde as pessoas jogam marcando coluna 1 (time da casa), coluna 2 (time visitante) ou coluna do meio (empate). São jogos de futebol e não dos outros esportes, pois esses são mais previsíveis, e conseqüentemente, haveria um maior número de vencedores. A loteria esportiva só vem reforçar a imprevisibilidade, e com isso tocar em um ponto muito creditado e discutido no Brasil: sorte e azar. DaMatta et all (1982) escreve o seguinte:

*“No caso específico do Brasil, a chamada loteria esportiva, inteiramente relacionada ao futebol, permite atualizar todo um conjunto de valores associados ao sistema brasileiro da sorte e do azar, inclusive com o apelo mágico às entidades sobrenaturais das chamadas religiões Afro-Brasileiras (como a Umbanda) e do Catolicismo Popular. Há, assim, nesta associação do futebol com a loteria esportiva (que proporciona prêmios de milhares de dólares); vários jogos de futebol que são jogados em planos diferenciados, mas simultaneamente. Há, é claro, um jogo que se passa no campo, jogado pelos jogadores como atividade profissional e esportiva. Há um outro jogo que se passa na vida real, jogado pela população brasileira, na sua constante busca de mudança para seu destino. E um terceiro jogo jogado no outro mundo, onde entidades são chamadas para influenciar no evento e, assim fazendo, promover transformações nas diferentes posições sociais envolvidas e implicadas no evento esportivo. Ou melhor, num evento total, já que de esportivo ele só teria o nome e a origem” (p.26)<sup>9</sup>.*

A constante intervenção do *Sobrenatural de Almeida*<sup>10</sup> no futebol faz com que muitas crenças e valores dos brasileiros sejam visualizados, ou melhor, exercitados, dramatizados através deste esporte por todos aqueles que, de certa forma, estão incluídos nele. Talvez por isso, a imprevisibilidade, por trabalhar com muitos destes temas, seja um dos principais aspectos, senão o principal, que explique tamanho fascínio exercido pelo futebol nos brasileiros.

O futebol é uma expressão da cultura brasileira. Valores como vitória, derrota, esperança, ascensão social, rivalidade, dentre outros, são vislumbrados por este esporte na medida em que lances importantes da vida dos torcedores são revividos de forma simbólica e emocional através do jogo. Estas emoções, valores e relações vivenciados no estádio alimentam a cultura nacional de tal forma que existem inúmeras

---

<sup>8</sup> A mudança no número de jogos aconteceu no ano de 2002. Antes eram treze jogos.

<sup>9</sup> Grifos do autor original.

<sup>10</sup> Personagem criado e imortalizado pelo escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues para tentar explicar tudo aquilo que acontecia de ilógico e até de sobrenatural no futebol, lidando com esta tamanha imprevisibilidade.

expressões cotidianas oriundas do futebol: “pisar na bola”, “suar a camisa”, “fazer o meio campo” e muitas outras.

Todos estes aspectos, esta simbologia existente no futebol, transcendem suas linhas limítrofes para contribuir na construção da identidade multi-cultural do povo brasileiro.

*“Uma marca digital coletiva. Queira-se ou não, acredite-se ou não, o futebol continua sendo uma das mais poderosas expressões da identidade cultural, que, em plena era da globalização hegemônica, recorda que o melhor do mundo está na quantidade de mundos que o mundo contém” (Galeano, 2000, p. 123).*

As regras são as mesmas para todos, porém cada povo se expressa à sua maneira e elege a sua própria forma de jogar. Cada bairro, sociedade ou nação apresenta um estilo de jogo diferente dos demais, dentre os quais, o estilo nacional é um dos mais respeitados mundialmente. O futebol é uma expressão de nossa cultura, é uma das linhas da teia, parafraseando Geertz. Ele “molda” a sociedade tanto quanto a sociedade o influencia. Nesse sentido Damatta et all (1982) afirma que *“cada sociedade tem o futebol que merece”* (p.16).

As características apresentadas acima ajudam a explicar o porque de sermos lembrados como o “país do futebol”, título que é bastante significativo quando lembramos que existem mais países filiados à FIFA<sup>11</sup> do que à ONU<sup>12</sup> (Melo, 2000). Apesar do futebol não ter sido criado por nós brasileiros, parece que foi feito sob encomenda para nosso povo: *“Parece haver uma certa relação entre as exigências do esporte e as características sócio-culturais do povo brasileiro”* (Daolio, 1997, p.104). É através destas características percebidas no futebol, e que foram aqui apresentadas, e do fascínio exercido por este esporte no homem nacional, que tentaremos discorrer sobre o torcedor de futebol no Brasil.

---

<sup>11</sup> Federação Internacional das Associações de Futebol, órgão maior do futebol.

<sup>12</sup> Organização das Nações Unidas.

## 4) A TORCIDA

---

Nos estádios, além dos times e dos jogadores, outra instância do futebol dá um show à parte: a torcida. Segundo Reis (1998), podemos dividir a torcida em espectadores e torcedores. Os espectadores são aqueles que apenas assistem aos jogos, seja pela TV ou no estádio. Os torcedores são os que realmente se envolvem nas partidas. São os torcedores e não os espectadores que cantam, xingam, fazem coreografias, choram, empurram o time e agredem verbalmente – às vezes até fisicamente – os adversários e o árbitro. Ainda dentro da categoria de torcedores, a autora diferencia mais dois tipos: o uniformizado e o organizado. O primeiro *“usa a camisa de sua equipe, demonstrando assim sua predileção por um time de futebol”* (p.6). Já o torcedor organizado *“faz parte de uma facção torcedora, que tem uma estrutura organizacional independente do clube pelo qual torce”* (p.6).

Neste trabalho, utilizaremos o termo *torcida* e/ou *torcedores* para significar o conjunto de pessoas que torcem por um determinado time. Dentro da *torcida*, diferenciaremos dois tipos de torcedores: os organizados e os comuns ou não organizados. Estes últimos são aqueles que demonstram predileção por um determinado clube, independentemente se vão ou não aos estádios acompanhar os jogos, se cantam, xingam ou apenas assistem e, ainda, se demonstram publicamente sua tendência clubística vestindo a camisa de seu time. Já em relação aos torcedores organizados, segue-se a mesma definição adotada por Reis (1998).

Os torcedores se envolvem de “corpo e alma” no drama de seu time do coração. Depositam nele a esperança de se tornarem vitoriosos. Por meio do futebol os torcedores externam suas emoções mais profundas e reprimidas. *“O futebol torna-se uma escola onde seus espectadores aprendem a lidar com muitas emoções humanas”* (Byington, 1982, p.23). Suas crenças, valores e hábitos são dramatizados e extravasados no desenrolar dos lances da partida de futebol. É no futebol que o homem chora sem nenhuma vergonha, pelas conquistas e derrotas de seu time; que aprende que depois de tantos tropeços pode vir a sonhada vitória e que nunca pode subestimar o adversário. É onde brancos, negros, mulatos e mestiços, ricos e pobres se unem num único objetivo, a vitória de seu time. Onde não precisamos preencher nenhum pré-requisito e nem comprovar renda para escolher o time pelo qual vamos torcer (Daolio, 1997). Por isso e por outras razões, que a condição de torcedor de futebol no Brasil extrapola a simplicidade da predileção por um clube para nos trazer um “mar” de significados de nossa própria cultura.

Toledo (1996) afirma que o torcer por um time de futebol constitui-se como mais um dentre tantos papéis sociais desempenhados pelos indivíduos na sociedade e dá grande importância a eles quando afirma que *“Jogadores, técnicos e dirigentes passam pelos clubes, mas as torcidas são patrimônio permanente, assim como as cores e o*

*distintivo do time*" (p.152). De fato, os torcedores torcem é pelo clube. Podem até simpatizar com alguns jogadores que estão no elenco do mesmo. Às vezes, essa simpatia pelo jogador pode até continuar quando ele deixa o clube, mas dificilmente isto ocorrerá se ele for para o time rival. Traição igual a esta nunca será feita por um torcedor, pois o time que ele escolheu para torcer dificilmente (somente em raríssimos casos) será trocado, ainda mais por um time rival.

O fato das pessoas escolherem um time para torcer faz com que sejam reconhecidas e identificadas com as cores e o nome do mesmo. Quantas vezes nos deparamos com situações em que conhecemos uma pessoa e quando vamos descrevê-la para um outro conhecido em comum, colocamos em suas características sua preferência clubística: "Você lembra do fulano... Aquele que estudou conosco no 2º grau. Um baixinho, moreno, *corintiano*, gordinho...". O torcedor ganha características do seu time. Pode ser o próprio nome, suas cores, seu mascote: o bugrino, o rubro-negro, o pontepretano, o cruz-maltino etc. Estas descrições o acompanham durante toda vida, pois dificilmente um torcedor de futebol troca de time, diferentemente de outros esportes como o voleibol e o basquetebol, em que a equipe geralmente leva o nome do patrocinador e carrega a marca até quando os lucros ou os objetivos da empresa são alcançados, então a equipe acaba ou é transferida de localidade. No futebol não! O Corinthians é Corinthians desde sua fundação e ainda se situa em São Paulo, o Flamengo tem o mesmo nome desde 1895 e continua no Rio de Janeiro. Talvez este seja um dos aspectos que contribua para a fidelidade existente entre torcedor/clube.

Sobre a determinação do processo de torcer, Silva (2001), em pesquisa realizada com torcedores do Clube de Regatas Vasco da Gama, comprovou alguns aspectos que contribuem para a escolha do time pelo qual o indivíduo vai torcer:

*"(...) o torcedor passa a se interessar por uma equipe de futebol, em geral, por vínculos familiares, vínculos de amizade, por residir próximo ao clube, por se identificar com a origem e, ou, história do clube ou por vivenciar, nessa fase de escolha, momentos de sucesso ou insucesso dessa equipe" (p.122).*

É por isso que a relação do torcedor com equipes de outros esportes não é tão fiel quanto a relação de um torcedor com seu time de futebol. Essa escolha não é aleatória. Ela tem um sentido, segue uma lógica de significados, como demonstrou Silva (2001) e, ainda mais, o torcedor tem necessidade de ser parte do momento histórico, de dizer: "*eu estava lá*", "*eu ajudei o meu time*". Diante disto, as equipes de outros esportes não conseguem "acolher" seus torcedores como fazem os times de futebol. Elas estão sempre mudando de cidade, de patrocinador e até mesmo de cores, que também servem para a identificação de um time. Com isso, o indivíduo não chega a estabelecer um vínculo com estas equipes. Elas são frutos da marca e, sem esta, não

mais existem. Ao deixarem de existir, a validade da presença do torcedor num determinado momento histórico não tem mais sentido, porque o time que lhe proporcionou tal fato não esta mais presente. Isto seria um profundo trauma na relação torcedor/clube. Trauma que dificilmente ocorre no futebol.

O que vem acontecendo nos últimos tempos é a retomada, por parte dos clubes, de algumas modalidades, principalmente as de quadra. E isto vem contribuindo para a retomada de público nestes outros esportes. Na última Liga Nacional de Futsal, o Vasco da Gama montou uma forte equipe contratando vários jogadores da seleção brasileira. Chegou à final contra o Atlético Mineiro que, assim como o Vasco da Gama é uma tradicional equipe do futebol brasileiro. Foram dois jogos com "casa cheia", tanto no Rio de Janeiro como em Belo Horizonte. As torcidas organizadas de ambos os times e seus torcedores comuns prestigiaram o espetáculo vestindo a camisa dos clubes (principalmente a camisa do futebol de campo, que é um pouco diferente das outras modalidades), cantando e incentivando as equipes. Isto também se verificou no último Campeonato Brasileiro de Voleibol Feminino, onde Vasco da Gama e Flamengo disputaram as finais. No caso do Basquetebol, Corinthians, Flamengo, Vasco da Gama, Botafogo e Fluminense mantiveram equipes nas competições. Os torcedores, ainda que diferentemente do futebol, prestigiaram estas competições, pois seus clubes do coração estavam presentes. Precisavam apoiá-los, principalmente porque equipes rivais também estavam presentes e *"As ameaças de times adversários despertam o nosso senso de que somos necessários, o que por sua vez nos dá a garantia de que pertencemos"* (Lever, 1983, p.183).

O torcer é então um ato simbólico que completa o indivíduo. Faz dele uma peça importante dentre todas as outras que, como ele, contribuem para um melhor desempenho do seu time e atrapalham o adversário. Será que daria para pensar num jogo de futebol sem torcedores? Sem aquela massa que empurra, contagia, vibra e canaliza as emoções do espetáculo? O jogo poderia até mesmo existir, mas dificilmente teria tamanha importância como este existente. Não seria o espetáculo que é hoje. Por isso é importante entender o complexo significado do torcer.

A complexidade do torcer passa a ser cada vez maior à medida que reconhecemos que cada integrante da torcida é um ser diferente, que possui sua individualidade, seu jeito de torcer. Mesmo aqueles inseridos numa mesma dinâmica cultural possuem diferentes expressões de sentimento no seu torcer. São diferentes e não desiguais, porque o termo desigual pressupõe o binômio inferioridade-superioridade, que um jeito de torcer é melhor e mais eficiente que outro, que um torcedor é mais importante que outro. Mas não são. São apenas diferentes. Cada torcedor tem a sua maneira de torcer e é por meio dela que ele credita o bom desempenho do seu time. Sem a sua torcida, o seu incentivo, seu time não terá chances contra o adversário. Mesmo que ele não seja como aqueles torcedores que pulam, gritam, berram, crê que sua presença no estádio ou simplesmente diante da TV

e/ou do rádio, que vestindo aquela “camisa da sorte”, estará contribuindo com o seu time. Não mais nem menos que aqueles, apenas diferente. Sua torcida é importante porque é ímpar. Em cada torcida existem tantas formas de torcer quanto tantos torcedores existirem.

*“Tomar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sobre a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas” (Geertz, 1989, p.64).*

As palavras de Geertz nos ajudam nesta compreensão. Os torcedores são individuais porque são humanos, direcionados pelos códigos sociais. E torcer é um destes códigos. Um código muito importante para a identidade nacional. São latino-americanos, brasileiros e torcedores. Vivem para torcer e torcem para viver. Uma faixa carregada pelos torcedores do Santos Futebol Clube nos estádios é um ótimo exemplo disto. Nela, está escrita a seguinte frase: “Nascer, viver e no Santos morrer!”. É torcendo que objetivam, direcionam e ordenam suas vidas. As experiências vividas e as lições aprendidas nos estádios são transportadas para o cotidiano onde eles aprendem a lidar com suas emoções, conforme salientou Byington (1982).

Os torcedores buscam (e encontram) no futebol algo muito maior do que um simples jogo, mesmo que isso ocorra de forma inconsciente (Byington, 1982). O jogo de futebol torna-se, portanto, um ritual para seus torcedores. Suas crenças e anseios são dirigidos ao seu time e ao jogo. Ele tem fé, confia na vitória mas, ao mesmo tempo, está ciente da possibilidade da derrota. E é contra esta possibilidade que se entrega com todas suas forças. Torce para ajudar seu time a vencer, ou melhor, não perder. Numa sociedade marcada pelas diferenças de classe como a brasileira, só os vencedores têm seu “lugar ao sol”. No Brasil existe o primeiro colocado e os *outros*. Só o cume do pódio é valorizado. Por isso a vitória é associada à festa, ao carnaval, enquanto a derrota ao funeral. Com a derrota surgem a dor, a vergonha, o luto e os torcedores buscam refúgio em suas casas, que é o lugar onde reina o respeito, onde os perigos e surpresas da rua estão excluídos (Vogel, 1982). É na “tranquilidade do silêncio” que o torcedor se recompõe da derrota. O peso da batalha perdida precisa ser compensado. E o torcedor sabe que isto é possível. Outros jogos e campeonatos virão e seu time poderá sair-se vitorioso. Sua ajuda será de fundamental importância para vencer as adversidades e ele acredita nisto. Estará lá, com sua camisa da sorte, seu amuleto, sua energia e, o que é mais importante, a necessidade de torcer, mas cobrará do time seus direitos de torcedor baseados nos sacrifícios pessoais que faz pelo clube (Lever, 1983).

O homem brasileiro tem esta necessidade de torcer. Torce principalmente pelo futebol devido às características apresentadas por este esporte e discutidas no capítulo anterior. Mas este torcer não é natural como muitos pensam. É constante ouvirmos

depoimentos de pessoas que dizem já nascer torcendo por um dado clube. Será que existe um gene que determina o clube que iremos torcer assim que somos concebidos? Obviamente que não. A escolha por um time é algo construído sócio-culturalmente, por intermédio de algumas relações, como demonstrou Silva (2001). Desde meninos somos influenciados por familiares e amigos. Recebemos bolas de futebol de presente; juntamente, um uniforme do clube preferido por nossos pais ou por um deles, quase sempre o pai. Temos tantas possibilidades de escolha quanto tantos times existirem. Geertz (1989) escreve: “(...) *todos nós começamos com um equipamento natural para viver milhares de espécies de vidas, mas terminamos por viver apenas uma espécie*” (p.57).

Fazendo uma relação com esta frase de Geertz, podemos pensar no torcer. Podemos torcer por vários times, mas escolhemos um. Mesmo que tenhamos alguma simpatia por outro time, o chamado “time do coração” é somente um. É um time para uma vida. Torcer constitui-se, então, numa construção sócio-cultural, e baseia-se principalmente em nossas relações, em nossas experiências.

#### **4.1) As Torcidas Uniformizadas: as primeiras coletividades**

Ao escolher um clube, o torcedor insere-se no contexto do jogo e se vê diante de outros torcedores, que podem ou não ter a mesma preferência clubística. A tendência é que os torcedores que possuem as mesmas preferências se unam para criação de uma coletividade, sentindo-se parte de algo maior que eles, em busca do objetivo comum, a vitória de seu time. Com isso origina-se a coletividade, o “aglomerado de torcedores”, que hoje são identificados principalmente pelas organizações de torcedores, as Torcidas Organizadas, mas que outrora, na década de 1940, eram as Torcidas Uniformizadas<sup>13</sup>.

As Torcidas Uniformizadas eram integradas sobretudo por “(...) *jovens de classe média, na sua maioria sócios dos próprios clubes, cujas atividades torcedoras somavam-se aos interesses e aspirações dos diretores das referidas associações esportivas*” (Toledo, 1999, p.149).

Além de suas relações com os clubes, as Torcidas Uniformizadas mantinham certas ligações com a imprensa, autoridades ligadas ao futebol e governos. Também eram tratados como o “lado bom”, numa visão maniqueísta de torcida. Silva (1999) escreve:

“As torcidas uniformizadas eram designadas pela imprensa como portadoras do melhor comportamento esportivo nos estádios, e o mais cordial fora dele. Agiam, segundo a imprensa, dentro de uma competitividade harmoniosa, por se tratar de pessoas que,

---

<sup>13</sup> Algumas Torcidas Organizadas ainda mantêm atualmente em seus nomes o termo Uniformizada.

normalmente, freqüentavam os mesmos ambientes na sociedade, obtendo ainda o apoio das autoridades policiais, contando com áreas reservadas e separadas nos estádios, a fim de garantir que não fossem incomodados por elementos estranhos às torcidas" (p.175).

A elitização fica bastante evidente no texto acima. Esta modalidade de torcida não era democrática. Seus integrantes precisavam preencher alguns pré-requisitos e a posição social abastada era apenas um deles.

Apesar das Torcidas Uniformizadas apresentarem aspectos negativos como a exclusão, não podemos negar os positivos como a criatividade. Através de novas idéias orientadas por esta criatividade que, sem sombra de dúvida era facilitada pela coletividade, inventaram uma nova forma de torcer no futebol profissional. Levaram a sonoridade dos instrumentos musicais para os estádios. Ao som da bateria cantavam músicas referentes a seus clubes e até seus próprios hinos. No campo visual também trouxeram transformações. Usavam uniformes com as cores de seu time e faziam coreografias em lugar delimitado a elas nas arquibancadas. Possuíam certo *status* no futebol, pois estavam diretamente ligadas às elites dirigentes e expunham certos ideários nacionalistas da época: raça, nação, ordem e juventude. Muitos atribuíam a elas um papel dirigente capaz de integrar, regular e até mesmo manter a ordem na assistência nos espetáculos esportivos (Toledo, 1999).

#### **4.2) As Torcidas Organizadas: novo estilo**

No final da década de 1960 e início de 1970 começam a surgir outro tipo de instituição de torcedores: as Torcidas Organizadas. Apresentam algumas diferenças em relação àquelas, principalmente, a maior acessibilidade para as classes periféricas e a autonomia perante os clubes, além, é claro, da nova estrutura organizacional (Toledo, 1996 e 1999; Silva, 1999).

Surgem num contexto de "efervescência política" (Toledo, 1999), como foi o caso da Gaviões da Fiel<sup>14</sup>, que pode ser citada como exemplo:

*"É preciso lembrar certos fatos que motivaram alguns torcedores a se aglutinarem em torno dessa nova agremiação popular. Discutia-se, naquela ocasião, por volta de 1969, a legitimidade do então presidente corintiano Wadih Helu, que estava há aproximadamente 15 anos à frente do Sport Club Corinthians Paulista. Os Gaviões são a primeira e atualmente a maior torcida organizada existente no Brasil" (Toledo, 1999, p.151).*

---

<sup>14</sup> Principal torcida organizada do Sport Club Corinthians Paulista.

É uma época marcante na história nacional. O Brasil estava submetido à ditadura militar, período em que os direitos políticos e a cidadania eram cerceados por este regime. Estas torcidas mobilizavam a população à participação política na falta de partidos e representações legais. Porém, existem ainda, outras versões para a origem das Torcidas Organizadas:

*“Para alguns, as Torcidas Organizadas constituem-se em verdadeiros braços armados de dirigentes de clubes de futebol, de onde teriam se originado. Ou mesmo constituem-se em eficazes cabos eleitorais de políticos. Para outros, entretanto, o movimento de emergência das primeiras torcidas fez parte e foi fruto da mobilização e oposição ao período da ditadura militar vivido pelo país. É que, portanto, juntamente com outras formas de organização e associação, formaram canais de participação populares diante da ausência de partidos e representações legais. É corrente também associá-las a gangues juvenis, que promovem a desordem e o caos urbano, afugentando outros torcedores dos estádios de futebol, depredando equipamentos urbanos, congregando desocupados, malandros e marginais de toda espécie” (Toledo, 1996, p.28).*

Independentemente de suas origens, as Torcidas Organizadas dão seqüência ao novo modo de torcer iniciado pelas Uniformizadas. Cantam músicas e uma nova modalidade de expressão verbal: os gritos de guerras, com o acompanhamento da bateria, que continua ditando o ritmo. Bandeiras e faixas são confeccionadas com as cores dos times. Mas isto gera gastos e a ajuda financeira que as Torcidas Uniformizadas recebiam dos dirigentes dos clubes não é feita mais da mesma forma<sup>15</sup>. A arrecadação de fundos para suas necessidades é feita pela cobrança de mensalidade dos integrantes, agora sócios, o que aumenta sua autonomia.

As cores de seus times são resguardadas, mas os distintivos são construções próprias, portanto diferente dos clubes. Eles são expostos nas camisas, faixas, bandeiras, bonés, adesivos e outros adereços<sup>16</sup>. A escolha dos distintivos e/ou dos símbolos segue toda uma lógica que foi elucidada por Toledo:

---

<sup>15</sup> O clube bancava todas as despesas das Torcidas Uniformizadas. Hoje, doam ingressos às Torcidas Organizadas e cedem ônibus para os jogos em outras cidades.

<sup>16</sup> No Estado de São Paulo, as torcidas organizadas não expõem seus símbolos nos estádios. Depois de vários episódios de violência envolvendo as maiores torcidas dos clubes paulistas, o Ministério Público, através do promotor de justiça Fernando Capez, baniu estas agremiações dos estádios. Mas elas continuam freqüentando-os. Usam camisas que as diferenciam de outras torcidas e das usadas pelo clube, porém, não contém seus símbolos. Têm seu espaço demarcado, onde se aglomeram para “soltar” seus cantos. Apesar da resistência da Federação Paulista de Futebol, elas continuam exercendo seu papel, burlando as punições a que foram submetidas. Nos outros Estados brasileiros, elas possuem atividade normal.

*“Os símbolos escolhidos pelas torcidas, Organizadas ou não, na grande maioria das vezes, invocam qualidades humanas, virtudes como esperteza, beleza, ou atributos caracteristicamente animais como força, rapidez, tamanho. Estes símbolos, na sua quase totalidade, sugerem a idéia de movimento, ação, força, em contraste com a imobilidade das formas inanimadas e mais abstratas dos distintivos dos times” (Toledo, 1996, p.56).*

Geralmente, estão dentro de três categorias ou série classificatória básica:

*“(...) animais (periquito, leão, urubu, gavião, porco, baleia, etc.); personagens dos gibis e dos comics, quadrinhos ou ficções (mancha, irmãos metralhas, Zé Carioca, mosqueteiro, piratas, índio, vikings etc.); ou ainda entidades fantásticas e divindades (dragões, serpentes, santos, seres antropomórficos)” (Idem, p.52).*

A escolha dos símbolos é muito significativa, pois eles serão “carregados” na marca mais importante que a Torcida Organizada exhibe no domínio público: sua camisa. Ela demarca uma certa distância simbólica entre aqueles que a usam e os torcedores comuns (Toledo, 1996). Fazer parte de uma Torcida Organizada significa para seus integrantes ser diferente dos demais torcedores. Este tipo de torcida possui:

*“(...) uma incrível assiduidade e devoção ao time. Devoção que os faz se sentirem torcedores diferentes: simbolizados ou pela qualidade dos animais ferozes, distantes que estão dos padrões normativos impostos pela cultura, ou representados pelas virtudes dos heróis, vilões e santos, que suplantam a dos homens comuns” (Toledo, 1996, p.55).*

Pertencer a um grupo que possui sua própria vestimenta, ter um espaço delimitado nos estádios e um objetivo a seguir - torcer pelo clube - faz com que os integrantes destas organizações se sintam mais poderosos que os demais. Possuem uma certa segurança por estarem rodeados de muitas outras pessoas. Propagam idéias por sugestão e as transmitem por contágio (Reis, 1998). Podem realizar proezas que sozinhos não conseguiriam e vislumbram em seus símbolos qualidades que acreditam possuir e que são necessárias a tais proezas.

As Torcidas Organizadas não utilizam somente os cantos de incentivo como faziam as Torcidas Uniformizadas. Na nova ordem de torcer emanada por elas, os cantos, além de incentivar, também intimidam os árbitros, jogadores e torcedores adversários, protestam diante de insatisfações e produzem sua auto-afirmação. Estes cantos, juntamente com a exposição de faixas, bandeiras e camisas constituem-se em formas de agredir os adversários (Toledo, 1996). Para eles, não basta somente incentivar o time, também é preciso desestruturar o oponente e sua intervenção se faz

importante para deixá-los mais distantes da vitória. O fundamento do futebol é exatamente este: superar o adversário e, por parte das Torcidas Organizadas, "(...) *tal superação é dada por aquela que xingar, cantar e incentivar mais o seu time*" (Toledo, 1996, p.71). Elas não se satisfazem somente com a vitória de seu time. Precisam ser mais eficientes que as torcidas adversárias.

Toledo (1996) acredita que as Torcidas Organizadas são responsáveis pela crescente rivalidade nas últimas décadas e seus cantos incitam esta rivalidade e, até mesmo, certa violência. Este tipo de violência, ou seja, aquela que é manifestada com o intuito de demonstração de sentimentos através de gestos, canções e hinos é denominada de violência afetiva ou simbólica. É emocionalmente satisfatória e agradável. Já os atos intencionais, premeditados ou não, de gerar confrontos violentos é denominado de violência racional ou manifesta (Reis, 1998). Segundo a autora, a violência simbólica é a mais utilizada e aceita nos estádios. Uma exacerbação desta pode gerar a violência manifesta. Durante sua pesquisa ela não presenciou nenhuma ocorrência de violência manifesta, porém, a simbólica era sempre utilizada e principalmente em forma de diálogo. Quando uma torcida cantava seus gritos de guerra incitando a torcida adversária, mais que rapidamente essa tratava de responder cantando um de seus hinos.

Entendendo um pouco mais destas organizações e tendo em mente os vários atos violentos ocorridos nos últimos anos, podemos pensar que a violência proferida por eles na forma de confrontos e brigas (manifesta) se dá principalmente pela intolerância à diferença pois, segundo Laplantine (1988): "(...) presos a uma única cultura, somos não apenas cegos à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa" (p.21). Os torcedores de um time se acham superiores aos torcedores rivais. Acham que seu modo de torcer é melhor e mais eficiente do que o deles e não têm a mínima intenção de aceitar sua diferença. Quando a intolerância à diferença é extrapolada, o que era simbólico (cânticos e gestos) passa a ser real (socos e pontapés).

### **4.3) Os Torcedores Comuns**

Entrar nos estádios é deparar-se com toda uma complexa teia de significados que ali se apresenta onde o sujeito principal, pelo menos o desta pesquisa, é o torcedor. Além de todos estes aspectos postos linhas acima, há também uma certa diferenciação entre os aqui chamados de torcedores comuns, que se baseia na questão da localização.

Alguns lugares dos estádios têm acesso restrito a poucas pessoas, sejam sócios dos clubes, dirigentes, imprensa ou convidados. A imprensa localiza-se nas cabines (locutores e narradores) e no gramado (repórteres e operadores de câmeras). Estão a trabalho e não fazem parte do foco desta pesquisa. Existe uma parte chamada

tribuna de honra onde só têm acesso os dirigentes e seus convidados. Os sócios ficam nas cadeiras cativas. Ambos os locais, na maioria dos estádios, são cobertos, protegendo as pessoas que ali se acomodam da chuva e também do sol escaldante da tarde tropical. Fora estes locais, temos ainda a arquibancada, que raramente é coberta e a "geral", que não se faz presente em todos os estádios. Segundo alguns autores, esta separação segue a hierarquia social onde: *"Arquibancadas e gerais são ocupadas por massas; cadeiras, tribunas e camarotes por indivíduos"* (Flores, 1982, p.54). É a massa, de poder aquisitivo inferior e nenhuma influência, que se expõe ao fervor do sol, às elevadas temperaturas do cimento da arquibancada e à água da chuva quando ela resolve cair. Para os "indivíduos", o conforto, que não é muito, mas o mínimo necessário em um estádio. Para Byington (1982) as diferentes localidades em um estádio têm diferentes "pesos" no envolvimento do torcedor:

*"[O futebol] é uma universidade popular do inconsciente coletivo, onde quem vai de arquibancada se forma mais depressa do que quem vai de cadeira, porque se expõe mais ao ritual de iniciação da prova de campo."* (p.25)

Estar na arquibancada é ser mais influenciado pelas tensões do jogo e poder fazer um maior número de alianças para ajudar o time. É não apenas assistir ao jogo, mas participar dele. É ser um torcedor e não um espectador. Reis (1998) observou em alguns jogos em que ficou nas cadeiras que os torcedores que ali se situam xingam menos e ficam mais sentados que os da arquibancada, independentemente dos lances da partida.

É neste contexto de diferentes formas e significações do torcer que tentaremos entender um pouco mais da rivalidade existente entre Ponte Preta e Guarani, times tradicionais da cidade de Campinas, SP. Mas antes de partirmos para seus torcedores, passaremos por um breve histórico de suas origens e outras informações que dizem respeito a estes dois clubes de Campinas.

## 5) FUTEBOL EM CAMPINAS<sup>17</sup>

---

Este capítulo tem como objetivo discernir sobre a origem e história das equipes campineiras. Aqui uma explicação se faz necessária em relação à questão da ordem de citação dos clubes ao longo deste trabalho. Isto se deve ao fato de que durante a pesquisa e principalmente durante as entrevistas, deparamo-nos com questões bem peculiares da rivalidade existente entre seus torcedores. Eles não gostavam que o nome do rival viesse antes do nome de seu time. Sempre era corrigido quando cometia este equívoco. A rivalidade é tão grande que sentimos necessidade de criar algumas "regras" para a colocação da ordem dos times e com isso, para que nenhum lado sintasse prejudicado. Portanto, durante este trabalho a Associação Atlética Ponte Preta será abordada antes do Guarani Futebol Clube simplesmente por ser mais antigo que este, sendo que esta questão cronológica nos ajudará neste capítulo. Outro fato que nos chamou a atenção foi a inexistência de obras sobre a história do Guarani, enquanto para a Ponte Preta conseguimos encontrar alguns livros. O que nos ajudou a compensar esta pobreza bibliográfica foi a existência de sites dos clubes e suas torcidas, que nos deram uma certa colaboração.

Campinas é uma cidade do Estado de São Paulo que se situa a 98 km da capital e que possui quase um milhão de habitantes. Este "respeitoso" número é dividido em dois lados quando o assunto é futebol. De um, temos os alvinegros da Associação Atlética Ponte Preta e do outro os alviverdes do Guarani Futebol Clube. Isto nos dias de hoje, pois no final do século XIX e início do XX havia outros clubes de futebol na cidade, como: o Gimnasia, Sport, Ypiranga F. C., London F. C., Scratch Campineiro, Corinthians F. C. e outros além de Ponte Preta e Guarani. Um fato curioso é que o futebol chegou à cidade de Campinas apenas três anos depois de ter desembarcado em São Paulo, provavelmente pela proximidade entre as cidades e por Campinas já ser, na época, uma das principais cidades do Estado (Zago, 1997).

Segundo Santos Neto (2000), os caminhos percorridos pelo futebol em Campinas foram três:

*"o primeiro foi o caminho das ferrovias e seus funcionários estrangeiros e brasileiros; o segundo o dos estabelecimentos de ensino (colégios) e, finalmente, o terceiro caminho foi o das colônias de imigrantes europeus" (p.33).*

---

<sup>17</sup> Este capítulo teve como base dos dados os seguintes sites: [www.guaranifc.com.br](http://www.guaranifc.com.br), [www.pontepretaesportes.com.br](http://www.pontepretaesportes.com.br), [www.futebolinterior.com.br](http://www.futebolinterior.com.br).

## 5.1) Associação Atlética Ponte Preta (AAPP)

A “Macaca”, como é conhecida a Associação Atlética Ponte Preta (AAPP), devido ao seu mascote, é um dos mais antigos clubes de futebol em atividade do país. Por este fato é apelidada de “Veterana”. Nascida perto dos trilhos da antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro, na mesma região onde hoje se encontra seu estádio, Moisés Lucarelli, com fundação datada de 11 de agosto de 1900, a AAPP é sempre lembrada pelo seu caráter popular, por não se preocupar com a origem simples de seus associados e torcedores.

*“(…) a chácara do capitão João Vieira da Silva foi o centro dos encontros dos meninos e rapazes do bairro [da Ponte Preta], não faziam parte da elite econômica e social de Campinas, eram imigrantes, eram brasileiros que lutavam diariamente para o sustento da família, eram operários, faziam parte de um povo honrado e lutador, o próprio Capitão Vieira, apesar das posses, não era campineiro e nem fazia parte da elite econômica e social da cidade, mas os bravos meninos e rapazes foram em frente, receberam ajuda de muitos, mas logo assumiram o comando de uma Associação Atlética fundada para honrar os objetivos da comunidade da Ponte Preta [um bairro], nunca se importando em selecionar, em dividir, em separar brancos, negros, imigrantes, operários, pequenos comerciantes, proprietários de terra, e, posteriormente, membros da elite da cidade, ao contrário, sempre fiéis aos objetivos da fundação, formar através do futebol jovens honrados, fisicamente e intelectualmente sadios” (Santos Neto, 2000, p.49).*

As características da fundação da Ponte Preta são importantes para a compreensão do estereótipo ligado ao clube e seus torcedores: “clube de massa”, “povão”. Fica claro, na citação acima, a preocupação do autor em demonstrar a não elitização do clube. Esta característica é sempre lembrada pelos torcedores pontepretanos e também pelos bugrinos<sup>18</sup>.

O nome Ponte Preta vem de uma ponte de madeira que fazia a ligação entre o centro da cidade e os bairros em direção à região sul. Esta ponte de madeira tinha sua manutenção feita com alcatrão e sua característica cor negra. Ela emprestou seu nome para o bairro e também para a Associação Atlética.

---

<sup>18</sup> Torcedores do Guarani. Esta denominação se deve ao fato do mascote do clube ser um índio.

Abaixo temos o símbolo, o hino, o mascote e o uniforme do clube:

## HINO

Letra: Renato Silva

Estandarte desfraldado  
Preto e branco é sua cor  
Ponte Preta vai pro campo  
Pra mostrar o seu valor  
Ponte Preta inflamante  
Ponte Preta emoção  
Ponte Preta gigante  
Raça de campeão  
Seu estádio é o Majestoso  
Seu nome uma glória  
Ponte Preta sempre sempre  
Na derrota e na vitória  
És amada Ponte Preta  
Orgulho de nossa terra  
Ponte Preta de paz  
Ponte Preta de guerra

## UNIFORME

No 1



No 2

## SÍMBOLO



## MASCOTE



O Clube possui um estádio com capacidade para 28.000 pessoas, aproximadamente, e que leva o nome do maior idealizador do projeto: Moisés Lucarelli. O estádio também é chamado de "Majestoso" pelos torcedores pontepretanos. Foi construído com a ajuda e doação de materiais por parte de seus torcedores numa espécie de mutirão, fato de muito orgulho para eles. A data de inauguração foi oficializada no dia 12 de setembro de 1948 em um jogo entre Ponte Preta e XV de Novembro de Piracicaba.



**Estádio Moisés Lucarelli – “O Majestoso”**

Apesar de sua vasta idade, a Ponte Preta ainda não conquistou um título importante no cenário estadual e nem nacional, porém, foi o primeiro clube do interior a disputar estes campeonatos, quebrando uma rotina em que times de capitais participavam de campeonatos brasileiros e apenas os grandes times situados na própria capital tinham direito de disputar os campeonatos estaduais. Foi Campeã Paulista da Divisão Especial em 1969 e, fora isto, suas melhores colocações foram: o 3º lugar no Campeonato Brasileiro de 1981 e por quatro vezes o vice-campeonato paulista nos anos de 1970, 1977, 1979 e 1981.

## 5.2) Guarani Futebol Clube (GFC)

O Guarani Futebol Clube tem sua fundação alguns anos depois do rival (02/04/1911). Motivado pelo surgimento de vários times de futebol em São Paulo e em Campinas, um grupo de jovens estudantes, a maioria descendentes de imigrantes italianos, que sempre se reunia na antiga praça do “Cardoso”, atual Praça Carlos Gomes, no centro da cidade, resolveu fundar um novo clube especificamente para a prática do futebol.

*“Nascia assim no final do mês de março de 1911 um novo time na cidade. Comemora-se oficialmente o aniversário do clube em 02 de abril por determinação dos próprios fundadores. O dia 1º de abril, dia da mentira, não seria uma boa data. O nome escolhido foi uma homenagem ao grande maestro Antônio Carlos Gomes, considerado o ‘gênio musical das Américas’, e que nascera em Campinas. Assim nascia o ‘Guarany Football Team’, que logo se abasileirou para ‘Guarani Futebol Clube’, numa clara alusão à maior obra de Carlos Gomes, ‘il Guarani’, que nessa época fazia muito sucesso na Europa, principalmente na Itália” (Zago, 1997, p.18).*

O Time do Guarani é estereotipado como um time de elite, apesar de também ter sido fundado por simples trabalhadores, adolescentes de classe média/baixa ([www.guaranifc.com.br](http://www.guaranifc.com.br)). Portanto, esta “rotulação” aos bugrinos, talvez se deva menos à sua fundação, do que o transcorrer de sua história, suas tradições, bens adquiridos e estrutura alicerçada ao longo dos anos de existência.

Um fato que devemos destacar na citação de Zago (1997), que é sempre presente no universo do futebol mas que às vezes passa despercebido, é a questão da superstição. Os fundadores do Guarani mudaram a data de fundação do clube, porque o dia 1º de abril, dia da mentira, não é digno de seriedade, e o que é mais importante, seria um ótimo objeto de gozações dos torcedores dos outros clubes.

O clube têm estes símbolos e cores:

## HINO

Letra: Oswaldo Guilherme

Eu levo sempre comigo,  
em todo o campo que eu for,  
a bandeira do verde e branco,  
símbolo do torcedor.  
Brinco de Ouro, a nossa taba,  
construído com devoção,  
nossa família bugrina,  
tem raça e tradição.  
Avante, avante meu Bugre,  
com fibra e destemor,  
a cada nova jornada,  
Guarani é mais amor.  
Avante, avante, meu Bugre  
que nós vibramos por ti,  
na vitória ou na derrota,  
hoje e sempre Guarani.

## UNIFORME



## SÍMBOLO



## MASCOTE



O estádio do Guarani recebeu o nome de Brinco de Ouro da Princesa por intermédio do jornalista João Caetano Monteiro Filho que esperava um clichê da foto da maquete para completar uma pequena matéria para o jornal Correio Popular. Ao ver a forma circular e a beleza do novo estádio, lhe veio à mente um brinco e como Campinas era conhecida nacionalmente como a "Princesa D'Oeste" fez o seguinte título: Brinco de ouro para a "Princesa", publicado na página 6 da edição de 13 de julho de 1948. Foi o que bastou para que a torcida bugrina passasse a chamá-lo dessa maneira. É interessante notar a data do projeto: é o mesmo ano de fundação do estádio da rival Ponte Preta. A rivalidade serviu de motivação para a construção de seu estádio, que é claro, tinha que ser melhor.

Depois de cinco anos, no dia 31 de maio de 1953, o estádio foi inaugurado com a partida entre Guarani e Palmeiras. Sua capacidade atual é de 46.086 pessoas. É um estádio mais novo e moderno do que o da Ponte Preta.



**Estádio Brinco de Ouro da Princesa**

Os títulos conquistados pelo clube são: Campeão da Taça de Prata em 1981<sup>19</sup>; Campeão Paulista da Segunda Divisão, em 1949; Campeão Brasileiro, em 1978. Este último é o maior orgulho dos bugrinos e a maior dor de cabeça para os pontepretanos, como veremos mais à frente no capítulo 6.

### 5.3) O Início da Rivalidade

Com a fundação do Guarani dá-se início às rivalidades entre alvinegros e alviverdes, principalmente porque, dos vários times que fizeram parte da história do futebol em Campinas, trazendo lazer, diversão e rivalidades para os campineiros, somente Ponte Preta e Guarani conseguiram manter suas atividades até hoje. Este fato é de suma importância, pois dá à cidade uma característica bem interessante, que é a de ter apenas duas opções para se torcer; dois times importantes no cenário futebolístico nacional, assim como o é em Salvador-BA (Bahia e Vitória), em Porto Alegre-RS (Grêmio e Internacional) e, de certo modo, em Belo Horizonte-MG (Atlético e Cruzeiro, porém também tem o América, mas a maioria da população se divide entre os dois primeiros). Diferentemente destas cidades, Campinas não é a capital do Estado, tornando ainda mais interessante o futebol por aqui.

A rivalidade é tão grande que os clubes possuem suas próprias versões sobre os primeiros jogos entre eles. Cada equipe defende uma versão diferente, inclusive em locais e datas (Zago, 1997, p.28):

Versão Bugrina						
ANO	PLACAR			LOCAL		
1912	GFC	?	x	?	AAPP	Campo do São Vicente
	GFC	1	x	2	AAPP	Hipódromo Campineiro
	GFC	?	x	?	AAPP	Campo do London*
1913	Não houve nenhum jogo					

<sup>19</sup> Segunda divisão nacional.

Versão Ponte Pretana						
ANO	PLACAR				LOCAL	
1911	AAPP	1	x	0	GFC	Campo do São Vicente
1912	AAPP	4	x	1	GFC	Campo do Cruzeiro
	AAPP	3	x	1	GFC	Campo do Guanabara
	AAPP	2	x	1	GFC	Campo do London
1913	AAPP	1	x	1	GFC	Campo do São Vicente
	AAPP	?	x	?	GFC	Campo do Cruzeiro*
	AAPP	?	x	?	GFC	Campo do Guanabara*

\* Vitória ou empate da Ponte-Preta

A rivalidade também é demonstrada na escolha das cores pois, como vimos no capítulo "A Torcida", elas são um dos aspectos que fazem com que o torcedor se identifique com o clube. O Guarani escolheu o verde, diferente do preto e branco do rival. O verde lembra a natureza, formas concretas, enquanto o preto e branco denotam algo abstrato. Como vimos, não existia somente o time da Ponte Preta quando o Guarani foi fundado mas, de acordo com um de seus fundadores, o falecido Pompeo de Vito, em entrevista dada ao Jornal Correio Popular na década de 1970, o Guarani nascera para "fazer frente" ao maior time da cidade na época, e que, segundo Sérgio Rossi, diretor do Patrimônio Histórico da Ponte Preta, era exatamente a alvinegra este time (Zago, 1997). Se analisarmos os clubes que "dividem" uma cidade como os citados anteriormente, veremos que isto também ocorre. O Grêmio é tricolor (azul, preto e branco), enquanto o rival Internacional é alvi-rubro. Outro tricolor é o Bahia (azul, vermelho e branco) que se diferencia do Vitória que veste as cores rubro-negras, e em Minas Gerais o Atlético é alvi-negro e o Cruzeiro é azul e branco. Podemos então dizer que a escolha das cores é sempre feita considerando-se o time rival, para se diferenciar dele.

Hoje em dia as pessoas que residem na cidade de Campinas tem a opção de torcer por uma das duas equipes, mas, mesmo assim, alguns ainda preferem torcer pelos times da capital, ou até mesmo, para equipes de outros Estados. Muitos destes vêm de outras cidades e também de diferentes Estados devido ao grande contingente de estudantes que buscam as faculdades da cidade. Até mesmo alguns campineiros fazem a escolha por outros times, deixando Ponte Preta ou Guarani como seu segundo time. Mas a grande maioria se divide entre os dois na escolha do clube do coração.

Antes de adentrarmos no "universo do futebol" vivido nos estádios, passaremos pelas relações existentes entre os torcedores campineiros para nos ajudar na compreensão dos comportamentos encontrados nos estádios de futebol.

## 6) O TORCER NA RELAÇÃO DOS CAMPINEIROS

---

Este capítulo baseia-se nas entrevistas realizadas com os torcedores das equipes campineiras. Foram entrevistados oito torcedores, quatro do Guarani e quatro da Ponte Preta. As entrevistas não tiveram grandes percalços. O único problema encontrado foi a recusa de um torcedor que tinha sido indicado para a entrevista. Fora este, todos me receberam muito bem, dedicando parte de seu tempo para responder o roteiro previsto (Anexos).

A escolha dos entrevistados foi feita durante as observações no estádio e também por indicações dos próprios torcedores. Meus informantes (as pessoas que iam aos jogos comigo, um pontepretano e dois bugrinos) também foram entrevistados. Abaixo temos a relação dos entrevistados:

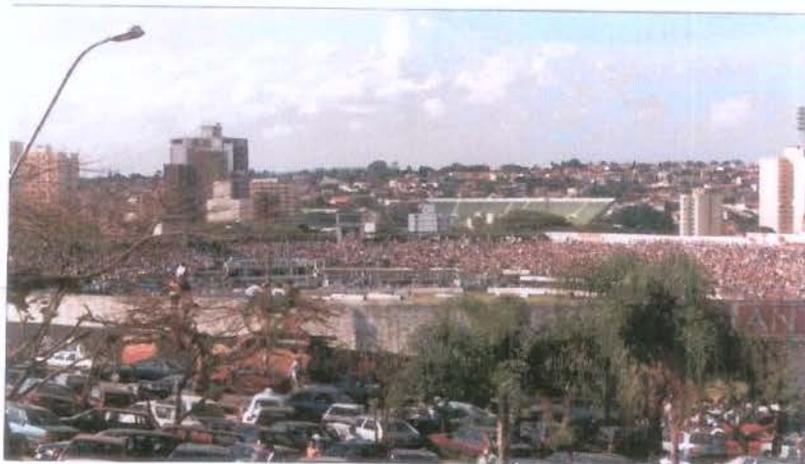
PP1	20 ANOS - ESTUDANTE - TORCEDOR DA PONTE PRETA DESDE OS 11/12 ANOS DE IDADE.
PP2	65 ANOS - APOSENTADA - PONTEPRETANA DESDE 1954.
PP3	20 ANOS - ESTUDANTE - TORCEDOR DA PONTE PRETA DESDE OS 5 ANOS DE IDADE.
PP4	36 ANOS - BANCÁRIO - PRESIDENTE DE UMA TORCIDA ORGANIZADA E PONTEPRETANO DESDE OS 9 ANOS.

G1	23 ANOS - ESTUDANTE DE PÓS-GRADUAÇÃO - TORCEDOR DO GUARANI DESDE OS 7 ANOS.
G2	36 ANOS - ENGENHEIRO AGRÍCOLA - BUGRINO "DESDE QUE NASCEU" E INTEGRANTE DO GRUPO DE INFORMAÇÃO E PEQUISA HISTÓRICA DO CLUBE
G3	31 ANOS - TÉCNICO ELETRÔNICO - PRESIDENTE DE UMA TORCIDA ORGANIZADA E BUGRINO DESDE QUE "SE ENTENDE POR GENTE"
G4	21 ANOS - ESTUDANTE - TORCEDOR DO GUARANI DESDE A INFÂNCIA

Era feito um contato prévio com o torcedor e assim combinado um local para a entrevista. Entre estes locais estavam: suas casas, sedes das torcidas organizadas, local de trabalho e estudo ou o estádio do clube. As entrevistas duravam em média 30 a 40 minutos. A primeira delas foi realizada no dia 20/03/2002 e a última no dia 19/04/2002.

Estas entrevistas nos ajudam a compreender como os vários anos de existência como os únicos times da cidade, influenciaram na dinâmica da vida dos torcedores, ditando regras, tradições e até reestruturando as relações dos moradores. Quem nasce, cresce ou vive em Campinas está a par desta situação e convive com histórias, crenças, jogos, e, porque não, com o folclore que gira em torno dos dois clubes. A escolha por um deles acontece de maneira similar à apresentada por Silva (2001) e citada anteriormente. Origina-se das relações de parentesco, amizade e proximidade das sedes dos clubes, e esta última questão, a da proximidade, é bastante interessante

em relação aos estádios do Guarani e da Ponte Preta. Eles são muito próximos um do outro. Estando no interior de um, você consegue ver o outro. (FOTO 1).



**FOTO 1.** Foto cedida por Beeroth de Souza, funcionário da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, tirada atrás do estádio Moisés Lucarelli, da Ponte Preta, a partir do qual pode-se observar o tobogã do Brinco de Ouro da Princesa – estádio do Guarani – ao fundo.

A partir do momento em que a escolha por um dos dois clubes é feita, tem-se a adesão ao universo do futebol em Campinas, como se fosse parte de um ritual do qual a pessoa deixa de ser um indivíduo para passar a ser um torcedor. Alguns dos entrevistados lembram deste dia e o descrevem com detalhes que a memória teima em resguardar:

- “[torço pela Ponte] desde 54 (...). Mas não tinha isso aqui, tava construindo o estádio da Ponte. Ah! Aquele dia ficou gravado no meu coração, mas só Ponte Preta!” (PP2).

O fato de ir ao estádio com os pais ou parentes, amigos ou vizinhos é muito importante na questão da identificação com o clube. A maioria dos entrevistados lembra do primeiro jogo que foi assistir e dizem que teve uma influência muito grande na escolha do time e no gosto pelo futebol. Participar, ir ao estádio, acompanhar o clube dá uma nova orientação ao torcedor iniciante. Ele conhece pessoas que possuem os mesmos objetivos, faz amizades e entra num ambiente que tem suas particularidades.

Os torcedores da Ponte Preta e do Guarani têm sua própria forma de tratar os rivais. Os pontepretanos são chamados de *macacos* pelos bugrinos. Segundo os entrevistados, isto originou-se pelo fato dos torcedores pontepretanos serem de uma classe social mais baixa (o estereótipo) e, conseqüentemente, como em nossa sociedade o preconceito social sempre vem acompanhado do preconceito racial, muitos serem da raça negra. Mas a provocação dos bugrinos foi incorporada pela torcida da Ponte e pelo próprio clube, que fez do macaco o seu mascote. Fato semelhante aconteceu com o Palmeiras, em São Paulo, que tinha um periquito como mascote, mas

que, diante das provocações dos rivais que insistiam em lhes chamar de “porcos”, aceitou a gozação e a tomou como mais um de seus apelidos.

Já os bugrinos são tidos como afeminados e, por isso, chamados de *galinhas* pelos rivais, fato que não os deixam contentes. O macaco é um animal grande, forte e inteligente, enquanto a galinha possui inteligência ínfima e é bastante frágil. Como disse um dos entrevistados: *“Galinha não é um bicho legal para você ter de mascote”* (PP1), ainda mais num universo machista como é o futebol. Além de não possuir qualidades interessantes como os mascotes que são escolhidos pelos clubes e também pelas torcidas organizadas, a galinha nos remete a características femininas, pois o masculino da galinha é o galo, portanto, “galinhada” são muitas galinhas, enquanto “macacada” não diferencia o gênero, podendo ser um bando misto (machos e fêmeas) de macacos. Os torcedores da Ponte Preta tratam os bugrinos como *burgueses, frescos, veados* (PP1, PP2), enquanto os bugrinos tratam os pontepretanos como *ralé, coitados* (G3, G4).

Uma das questões das entrevistas realizadas solicitava a comparação dos torcedores rivais a alguma personalidade ou algo que achassem que exprimisse a verdadeira personalidade dos rivais. Os alviverdes acham o seguinte dos alvinegros:

- *“Coitados”* (G3);
- *“Paciente na UTI, que deu uma melhoradinha, tirou os aparelhos mas já, já vai piorar.”* E também ao Maluf porque os dirigentes só vão lá para roubar (G2);
- *“Argentinos”, se acham mais do que são. “Tá na América do Sul e acha que é europeu. Tem aquele ar esnobe”*(G1);
- *“A cara da Conceição [torcedora símbolo da Ponte]. (...) As coisas lá acontecem mais pela emoção do que pela razão. (...) um clube triste, assim (...) sofrido”*(G4).

E para os torcedores da Ponte os torcedores e o time do Guarani são:

- *“Seleção da Inglaterra”. “Tem toda banca, (...) [mas] só ganhou um título esporádico”*(PP1)<sup>20</sup>;
- *“Bicha”* (PP2);
- *“Bin Ladden. (...) Todo mundo quer derrubar, mas não tem jeito”* (PP3)<sup>21</sup>;
- *“Galinha”* (PP4).

A visão que os torcedores têm dos rivais é sempre pejorativa. Mesmo quando realizam um elogio a algum fato que aconteceu ou que ocorre com eles, logo em seguida, tratam de justificar ou mostrar que no seu time aquele fato é melhor. O

---

<sup>20</sup> Ele fala do Campeonato Brasileiro de Futebol de 1978 vencido pelo Guarani, mas contesta dizendo que era ano de Copa do Mundo e os jogadores dos outros times estavam todos convocados.

<sup>21</sup> Em relação aos rebaixamentos do Guarani no Paulista de 2001 e da Liga Rio-SP 2002

torcedor rival é diferente deles. Não conseguem compreender como pessoas são capazes de torcer pelas outras cores. Eles até aceitam este fato, mas são pouquíssimos os que se dão ao trabalho de tentar compreendê-los. São duas tribos diferentes que mantêm suas crenças e tradições também diferentes. Torcer por um clube é aceitar um determinado modo de torcer, defendendo as cores do seu time e negar qualquer outra forma e cor. É olhar para o outro com indiferença ou superioridade achando que tem tudo de melhor em relação a eles. Um dos torcedores bugrinos cedeu-me um desenho que ilustra bem este fato (FIG. 1).



**FIG 1.** Os bugrinos acham que são uma “raça” superior aos pontepretanos, como se fossem o ápice da evolução humana.

Outra pergunta pedia que eles comparassem seu próprio time a alguma personalidade e os pontepretanos responderam:

- *“Seleção da Holanda” (PP1).* Chega, mas não ganha. Joga bonito, mostra jogador, mas não ganha título;
- *“Ah, ela é tudo [olhar deslumbrado], (...) é minha vida! (...) não gosto de baile, não gosto de desfile de moda, não gosto de nada! Eu gosto de entrar no estádio Moisés Lucarelli vendo a minha neguinha véia, nem que for pra ficar sentada aqui fora!” (PP2);*
- *“Ponte pra mim é como se fosse o Papa [pausa]. Porque ele é o centro da religião católica (...), uma coisa que eu acho que nunca vai acabar, sempre vai ter, vai substituir o Papa vai vim outro, a Ponte nunca vai acabar, pode ter estes problemas financeiros, mas ela nunca vai acabar.” (PP3);*
- *“King Kong. (...) É porque a Ponte é a Macaca né, e, em termos de macaco, o maior é o King Kong, né.” (PP4).*

Já os bugrinos acham que o clube representa:

- "O mascote, o índio guerreiro" (G1)<sup>22</sup>;
- "São poucos os times que têm como mascote uma pessoa ou um ser humano, a maioria são animais e tal, né, e nós temos um índio bem..., um mascote bem brasileiro, um nome bem brasileiro (...) O Guarani me lembra muita garra, muita determinação, muita tradição (...) o Guarani me lembra o Brasil mesmo sabe, é bem ligado a esse Brasil, o Guarani, o nome, o jeito, as coisas como vão acontecendo, como vai crescendo!" (G2);
- "Um santo" (G3);
- "Segunda família" (G7).

O time do coração tem grande contribuição à vida dos torcedores. Está sempre presente e envolve enorme poder. Tem a capacidade de interferir no humor dos torcedores e representa uma "fatia" bem alta em suas vidas. Dos oito entrevistados, sete colocaram o time logo após a família:

- "(...) eu tenho três filhos, sete netos e um caszinho de bisnetos, eu amo eles, mas eles tão bravo comigo, que eles falam que eu amo mais a Ponte. Não, é primeiro meus três filhos, meus sete netos e ó!, e meu caszinho. E a Ponte, ah!, essa aqui nunca vai sair do meu coração!" (PP2).

Estes entrevistados dizem que não deixariam sua família para acompanhar seu time, mas dão bastante importância a ele quando o colocam logo após dela nas suas "listas de prioridades", antes de amigos, trabalho, estudos etc. O outro entrevistado, o único de opinião contrária aos outros sete, considera o time mais importante que a família:

- "É o Guarani em primeiro lugar e minha família em segundo" (G3).

Diante de tamanha importância dada ao time do coração e lembrando que a cidade se divide em dois lados, o grande marco de Campinas é, então, o jogo entre as duas equipes, o clássico regional conhecido como Derby Campineiro, que é, sem dúvida alguma, para seus torcedores, o maior jogo do interior. Antes de adentrarmos no universo do clássico, vamos entender o porque de tal nomenclatura. Zago (1997) nos traz uma explicação sobre a origem da palavra Derby:

*"Essa palavra foi usada já nas décadas de 50 e 60 entre outros por Thomaz Mazzoni, autor de 'História do Futebol Brasileiro' da antiga Editora Leia, para designar clássico, confronto, embate, disputa, combate, etc. Mas a palavra é na verdade de origem inglesa e faz referência ao turfe. Uma das mais importantes e tradicionais 'carreiras' ou corridas de cavalo do mundo, se não a mais importante, é disputada desde o século XVII em Epsom*

<sup>22</sup> Considera o Guarani um time médio que tem dificuldades, porém é um time guerreiro.

*Downs/Surrey na cidade de Derby, capital do condado de Derbyshire no centro da Inglaterra” (p.27).*

O uso de tal palavra extrapolou os limites das corridas de cavalos e foi incorporado e adaptado ao rico universo lingüístico do futebol, onde passou a ser sinônimo de clássico no esporte. O seu maior uso hoje em dia é em relação ao clássico campineiro entre Guarani e Ponte Preta e que vem sendo utilizado desde a década de 1960, mas que se estabeleceu realmente na década seguinte (Zago, 1997).

O Derby é um dos acontecimentos mais importantes da cidade de Campinas. Toda a cidade é influenciada pela partida. Ruas são interditadas ou têm o sentido invertido, um grande número de policiais é destacado para trabalhar no evento, linhas de ônibus modificadas e a ansiedade dos torcedores ganha contornos estupendos. Tive a oportunidade de vivenciar o clima de dois Derbys durante a pesquisa. O assunto que corre na cidade é em relação ao jogo. Os jornais e telejornais dedicam grande parte de suas notícias ao clássico, com matérias sobre os torcedores, histórias e outros fatos que se relacionam ao jogo. A dinâmica da cidade é outra, mesmo para quem não acompanha o futebol, mas que também sente as mudanças.

Os entrevistados dão tanta importância ao Derby que o comparam a uma final ou até mesmo ao objetivo principal do campeonato.

- *“Não tem coisa pior do que perder pro Guarani, (pausa), melhor acho que é perder uma final até” (PP1).*
- *“É a única coisa que não pode acontecer, pode acontecer tudo, a Ponte perder de goleada, cair, mas não pode perder do Guarani” (PP3).*
- *“Vou dizer uma coisa pra você com sinceridade: a Ponte pode perder até título, mas não me perca daquela gatinha” (PP2).*

O Derby é o ponto máximo do futebol em Campinas. Um dos entrevistados (G4) disse na entrevista que se fosse vereador votaria para que fosse feriado na cidade em dia de Derby. Segundo ele, é muito ruim trabalhar neste dia. É quando as duas equipes e suas torcidas estão frente a frente em um mesmo campo. É a batalha mais esperada e a mais importante da guerra que é o campeonato em disputa. Como disse o torcedor acima, pode tudo, até mesmo perder a guerra, menos esta batalha. Neste jogo concentram-se as maiores tensões e atenções de todos que dele fazem parte: jogadores, torcedores, dirigentes, policiais. Ali, cada disputa dos jogadores pela bola é como se fosse a última e a tensão e ansiedade do torcedor é ímpar.

O embate das duas equipes possui hoje uma peculiaridade bem interessante: um tabu de quinze anos que o time do Guarani mantém sem perder para a Ponte Preta (FIG 2).

20/07/1980 - M.L. - AAPP 3 X 0 - C. Paulista	20/07/1986 - B.O. - 1 X 1 - C. Paulista
05/10/1980 - B.O. - 0 X 0 - C. Paulista	03/05/1987 - B.O. - AAPP 2 X 0 - C. Paulista
05/07/1981 - M.L. - 0 X 0 - C. Paulista	28/06/1987 - M.L. - GFC 2 X 0 - C. Paulista
01/08/1981 - B.O. - 1 X 1 - C. Paulista	18/03/1990 - B.O. - 0 X 0 - C. Paulista
05/08/1981 - M.L. - AAPP 3 X 2 - C. Paulista	24/01/1993 - M.L. - GFC 2 X 1 - C. Paulista
27/09/1981 - B.O. - 0 X 0 - C. Paulista	21/03/1993 - B.O. - GFC 1 X 0 - C. Paulista
12/09/1982 - B.O. - 1 X 1 - C. Paulista	05/03/1994 - M.L. - 1 X 1 - C. Paulista
23/11/1982 - M.L. - 0 X 0 - C. Paulista	08/05/1994 - B.O. - 2 X 2 - C. Paulista
10/07/1983 - M.L. - AAPP 1 X 0 - C. Paulista	02/04/1995 - M.L. - 2 X 2 - C. Paulista
23/10/1983 - B.O. - AAPP 1 X 0 - C. Paulista	07/05/1995 - B.O. - 2 X 2 - C. Paulista
02/09/1984 - B.O. - AAPP 2 X 1 - C. Paulista	26/07/1998 - B.O. - GFC 2 X 0 - C. Brasileiro
04/11/1984 - B.O. - GFC 3 X 1 - C. Paulista	18/08/1999 - M.L. - 0 X 0 - C. Brasileiro
09/06/1985 - B.O. - AAPP 3 X 0 - C. Paulista	02/11/2000 - B.O. - GFC 2 X 1 - Copa João Hav.
10/07/1985 - B.O. - 1 X 1 - C. Brasileiro	04/02/2001 - B.O. - GFC 2 X 1 - C. Paulista
17/07/1985 - M.L. - 0 X 0 - C. Brasileiro	21/10/2001 - M.L. - 1 X 1 - C. Brasileiro
08/09/1985 - M.L. - GFC 2 X 1 - C. Paulista	06/04/2002 - B.O. - 1 X 1 - L. Rio-SP
20/04/1986 - M.L. - 1 X 1 - C. Paulista	

FIG. 2. Resultado dos Derbys desde a década de 80. A última vitória da Ponte Preta foi em 03/05/1987 no Brinco de Ouro. Fonte:(www.guaranifc.com.br)

M.L. - Moisés Lucarelli - Estádio da Associação Atlética Ponte Preta (AAPP)

B.O. - Brinco de Ouro - Estádio do Guarani Futebol Clube (GFC)

Muitos torcedores pontepretanos ainda não tiveram a sensação de ver seu time ganhar do adversário, inclusive alguns entrevistados (PP1 e PP3). Eram muito novos e não se lembram bem, demonstrando enorme desconforto diante disto. Do lado alviverde, o tabu é um orgulho enorme. Os entrevistados zombam dos pontepretanos dizendo que nem se lembram mais da última derrota. Os torcedores da Ponte Preta defendem seu lado dizendo que o tabu é de quinze anos porque o time esteve alguns anos nas divisões inferiores e diante disso o Derby não foi realizado. Porém, os bugrinos retrucam, falando que a Ponte não tinha capacidade nem de estar na primeira divisão, muito menos de vencer o Derby. O que ficou evidente nas entrevistas é que o tabu é um orgulho para os bugrinos e um desconforto para os pontepretanos, principalmente nestes últimos anos em que a Ponte Preta apresentou melhores resultados que o Guarani:

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
<b>Guarani</b> 2ª div	2ª div	2ª div	9	6	3	19	6	21	19	8	17	19
<b>Ponte Preta</b> 3ª div	2ª div	2ª div	2ª div	-	2ª div	2ª div	2ª div	2ª div	17	7	11	5

Classificação das equipes nos Campeonatos Brasileiros desde 1990. (www.clube.hpg.ig.com.br).

A melhora no rendimento da Ponte Preta é um aspecto modificador nas relações dos torcedores. Os bugrinos, é claro, sentem-se incomodados com tal fato:

- *"(...) fui criado numa época, minha infância, em que o Guarani tava lá em cima e a Ponte Preta na segunda, terceira divisão, então é..., hoje, a gente assistir programa esportivo e ver falar bem, ver, é..., dar mais destaque a Ponte do que ao Guarani é uma coisa assim que dói demais [pausa], então, torço a cada dia mais para ela perder mais e mais."* (G4).

Manter o tabu diante da melhora do rival é para os bugrinos um ato de heroísmo. Mas, além do tabu, os torcedores do Guarani têm outra vantagem, apresentada pelos entrevistados, em relação aos pontepretanos – o título de Campeão Brasileiro de 1978. Este é o maior orgulho do clube. No alto de seu estádio está escrito com todas as letras a seguinte frase: "Único campeão brasileiro do interior". Durante as entrevistas, várias eram as citações em relação a este título. Um entrevistado pontepretano disse:

- *"É o time que eu torço, não vou trocar de time, né, então, é o time que eu tinha vontade de ver ganhar um dia, de pelo menos ser campeão uma vez, e eles [os bugrinos] tacam na cara do pontepretano toda vez que se vai falar de futebol. Isso daí é um negócio que a Ponte precisava ganhar um título, pô, isso daí faz falta. (...) Todo pontepretano vai falar que precisa de um título. (...) é o que todo pontepretano quer!"* (PP1).
- *"O Guarani representa uma pedra no sapato da Ponte. (...) Ele tem sempre uma vantagem em cima da Ponte. (...) Isto deixa a torcida da Ponte muito irritada!"* (PP1).

Os bugrinos compreendem a importância do título em relação à rivalidade e utilizam isto como argumento nas discussões.

- *"Eu tenho a dizer que os cara, é um coitado, né, nunca foram campeão, não tem estádio, é..., está há mais de quinze anos sem ganhar da gente, né, com o nosso tabu, então, eu tenho dó deles."* (G3).

Se pensarmos que o futebol é um esporte para poucos, ou seja, são sempre os mesmos (os times das capitais) que se revezam nas conquistas, ter um título importante como é o de Campeão Brasileiro é deter um grande poder em mãos. Ser o único time do interior a possuir este feito é algo ainda mais grandioso.

Apesar da falta do título, os pontepretanos têm se "deliciado" nestes últimos anos com os rebaixamentos do rival. O primeiro foi no Campeonato Paulista de 2001 e o segundo na Liga Rio-São Paulo de 2002. Somente duas entrevistas foram realizadas após o término do campeonato, já com a confirmação do rebaixamento do Guarani. Isto faz com que os dados sejam poucos, porém, nos estádios, os alvinegros não deixaram os bugrinos esquecer tal fato cantando músicas sobre o mesmo. O rebaixamento é o inverso do título. Não parece ser na mesma medida, pois no nosso país sempre

ocorrem as viradas de mesa, o que tira um pouco da credibilidade do rebaixamento, enquanto um título dificilmente é questionado.

A relação dos torcedores não fica restrita só ao Derby. Morar em Campinas e torcer por um dos dois times da cidade é querer sempre a vitória de seu time mas, mais do que isto, é também torcer pela derrota do rival. Os torcedores, além de acompanhar seu time, também estão atentos à campanha do “outro time”, como diziam alguns torcedores. A derrota dele é comparada a uma vitória do seu time. Uma das perguntas pedia a opinião dos torcedores sobre a derrota do rival:

- *“Olha, eu queria ver a desgraça deles sempre. (...) Eles perdendo, já é como se fosse um conforto também” (G3).*
- *“É praticamente uma vitória do Guarani, é o que eu falei, se o Guarani tiver ganho ainda, é como se o sabor da vitória tivesse vindo em dobro” (G1).*
- *“Derrota é..., nossa! Como se a gente tivesse ganho de 10, 15 a zero é... só alegria (...) negada vibra mais com um gol contra o Guarani, do que gol a favor da Ponte, isso aí é..., é rivalidade mesmo” (PP3).*

Já a vitória do rival é comparada à derrota do seu time, mas não influencia muito se o time do coração tiver ganho também.

- *“Pode acontecer tudo, né, mas o Guarani não pode ganhar, tem que perder sempre, tem que estar sempre embaixo da Ponte, sempre” (PP3).*
- *“[uma vitória da Ponte], se o Guarani tiver ganho, é uma festa incompleta, se o Guarani tiver perdido, a pior coisa” (G4).*

Os times e seus torcedores têm uma disputa paralela ao campeonato: ficar na frente do outro time na tabela. Este é, para muitos, o objetivo maior do campeonato. O fato deles não serem times que estão sempre chegando às finais, disputando títulos, faz com que o Derby e a posição melhor na tabela de classificação sejam os principais objetivos a serem alcançados, e aqui entra mais uma das “funções” do rival. O rival é a outra metade da laranja, o outro lado da moeda. Ao mesmo tempo em que é negado, também é afirmado por lembranças ou declarações de desinteresse que, na verdade, refletem mesmo o mais puro interesse na medida em que ele é sempre comparado ao time do torcedor. Durante as entrevistas e também nos jogos que acompanhei, o nome do rival é tão pronunciado quanto o do próprio time. A pergunta que os entrevistados dedicaram maior tempo na elaboração das respostas era exatamente a que pedia que eles dissessem o que o rival representava em suas vidas. Quase todos, exceção feita a um entrevistado, não gostariam que o rival deixasse de existir. O único torcedor de opinião contrária aos colegas (G3) alegou que preferiria que Campinas tivesse um só clube porque os alvinegros só pensam em violência. Para ele, o fim da Ponte Preta seria como *“ganhar na loteria”*. Os outros sete acreditam na importância do rival para seus clubes.

- *"É um mal necessário, né. Tem que existir também. Se não existisse o Guarani também não ia ter graça, não ia ter porque a gente"(PP4).*

Eles acreditam que a existência do rival é o combustível para as vitórias, pois sempre querem estar na frente deles e por isso precisam ganhar.

Um dos entrevistados compara a relação entre times rivais com a do matrimônio:

- *"É que nem homem e mulher, se acabar a mulher o que vai ser do homem? Tem que ter essa rivalidade, senão a Ponte vai viver por ela só. Agora, na maioria das vezes, ela vive em função do outro time, pra buscar, se ele tá na frente, pra buscar e tentar passar. Agora, se não tiver esse time, não tiver nada, aí fica ruim, acaba né, acaba a paixão, vai diminuindo. Vai esvaziar o estádio, esvaziar até acabar o time também, com certeza" (PP3).*

De acordo com eles, o rival é o alicerce da existência do próprio time. O rival precisa existir para que exista o confronto e assim, a motivação necessária ao desenvolvimento.

A existência do rival também apresenta pontos negativos. De acordo com as entrevistas, o pior deles é a questão do "sarro", que pode dar origem à violência, na transformação da violência simbólica em real (Reis, 1998). O "tirar sarro" é freqüente na relação dos torcedores. Se a cidade possuísse somente uma equipe, este aspecto não seria tão relevante. Mas, mesmo sendo apresentado como fato negativo pelos torcedores, desenvolve também um lado positivo: a socialização. "Zoar" é entrar em contato com alguém, é se comunicar, e o "sarro" pode vir a ser a base de uma futura amizade.

## 7) O ESTÁDIO: UM TERRENO SAGRADO

Um dia de jogo, um estádio. O Templo do futebol. Local onde os torcedores depositam sua fé na esperança da vitória de seu time. Comungam com outros torcedores suas realizações. O estádio do seu clube, ou melhor, o *seu* estádio, é o templo de convergência de todas suas aspirações como torcedor. É um patrimônio grandioso e irretocável. Um terreno sagrado. Já o estádio rival, seu inverso simétrico. Território profano, inimigo. Adentrá-lo requer coragem e também um bom planejamento, como numa batalha. Este planejamento é estudado e "botado no papel", segundo os torcedores com quem tive contato. Assisti, no total, a doze partidas (cinco do Campeonato Brasileiro de 2001 e sete da Liga Rio-São Paulo 2002), sendo seis partidas de cada equipe - duas delas o confronto direto entre Ponte Preta e Guarani, o chamado Derby Campineiro, uma em cada estádio. No Majestoso fiquei junto à torcida da Ponte Preta enquanto, no Brinco de Ouro, ao lado dos bugrinos. Abaixo está a relação de jogos em que me fiz presente em ordem cronológica:

	JOGOS		DATA	
1	PONTE PRETA	2x2	VASCO	30/9/2001
2	PONTE PRETA	1x1	GAMA	3/10/2001
3	GUARANI	1x0	GOIÁS	6/10/2001
4	PONTE PRETA	1x1	GUARANI	21/10/2001
5	GUARANI	0x2	AMÉRICA/MG	11/11/2001
6	GUARANI	1x0	BANGU	20/1/2002
7	PONTE PRETA	3x1	SANTOS	26/1/2002
8	GUARANI	2x3	SÃO PAULO	30/1/2002
9	PONTE PRETA	2x3	SÃO CAETANO	2/3/2002
10	GUARANI	1x1	CORINTHIANS	9/3/2002
11	PONTE PRETA	1x1	JUNDIAÍ	10/3/2002
12	GUARANI	1x1	PONTE PRETA	6/4/2002

Passava o jogo inteiro anotando e fazendo observações no meu caderno de campo. Ir com um caderno em um estádio traz alguns transtornos. Todo dia, tinha que esconder o caderno no calçado porque os policiais alegavam que era um material inflamável e a caneta um objeto cortante e, portanto, não poderia entrar com ele. Antes de chegar ao estádio, procurava um local para que eu pudesse esconder meus apetrechos no tênis. Nunca perceberam nada de errado com meus pés. Outro ponto difícil do caderno, é que ele é objeto estranho naquele local. Ninguém vai ao estádio para ficar escrevendo! Parecia ser isto que pensavam os torcedores. Muitos ficavam me olhando ao fazer minhas anotações. Alguns pensavam que eu era um espião do rival que estava infiltrado em sua torcida. Os olhares não eram nada amigáveis. Neste aspecto foi muito importante ir ao estádio acompanhado de um amigo que torcesse pelo

clube que estava jogando. Eu me sentia bem mais à vontade em relação às vezes em que fui sozinho. Foi de grande importância a ajuda de meus colegas.

Na visão dos torcedores, o **seu** estádio é o melhor. Mesmo sabendo que a grande maioria dos estádios brasileiros é péssima, apresentam inúmeras precariedades e cobram caro pelo que oferecem (em termos de estrutura, desconsiderando o espetáculo), ainda assim, adoram o **seu**. Os pontepretanos reconhecem que o Brinco de Ouro (Galinheiro para eles) é um estádio mais novo e por isso em melhor estado de conservação, mas logo após o elogio, dizem que não adianta nada, pois apesar disto e da maior capacidade de público, ele nunca enche. Deveria ser o contrário: esta capacidade de público no Majestoso, segundo os pontepretanos.

Os bugrinos demonstram uma certa prepotência quando o assunto é sobre os estádios. Chamam o estádio da Ponte Preta de "Chiqueirão" e dizem que tudo lá foi improvisado, inclusive sua construção através do mutirão e da doação de tijolos. Reclamam da péssima hospitalidade dos rivais. Os alvinegros não deixam nenhum ambulante entrar na área destinada aos bugrinos em dia de Derby. Nem mesmo para vender água, fato que não ocorre no Brinco de Ouro, segundo eles.

Os apelidos dados aos estádios (Galinheiro e Chiqueirão) afirmam e reforçam os estereótipos ligados a seus torcedores. No Galinheiro só ficam galinhas, o que condiz com a suposta feminilidade dos bugrinos creditada pelos pontepretanos, enquanto o Chiqueirão é tomado pela rale e favelados, que não necessitam de nenhum conforto, na opinião dos torcedores do Guarani. O estereótipo é um ingrediente que apimenta a rivalidade, pois contribui na identificação dos rivais e são invocados diante da necessidade de falar deles. Numa suposta negação do rival, o estereótipo é a ferramenta mais utilizada pelos torcedores.

Em dia de jogo tem-se um certo ritual que raramente é modificado e que começa a se desenrolar antes de chegar ao estádio. No trajeto a ser realizado até ele, seja de carro, de ônibus ou mesmo a pé, os torcedores vão se agrupando. Alguns preferem a solidão e caminham sozinhos e em silêncio. Os grupos que se formam ou os que já vêm formados apresentam um comportamento agressivo que se demonstra através de cantos, gestos e afrontamentos a torcedores rivais, quando estes são vistos. O "clima" próximo ao estádio é bastante peculiar. O estranhamento daquele que não faz parte do ambiente é inevitável. O que se percebe é uma quebra das barreiras sociais e raciais. São flanelinhas<sup>23</sup>, famílias, ricos, pobres, pessoas "mal encaradas", negros, brancos, mulatos, crianças, garotos e elite num único local. Talvez haja uma separação dentro do estádio em virtude de sua estruturação (arquibancadas e cadeiras), mas muitos vão se sentar lado a lado durante a partida. Dentro do estádio este "clima" é amenizado. As pessoas parecem não se incomodar tanto quanto fora. Parecem se sentir mais seguras e acolhidas, porque os portões demarcam a separação entre o sagrado (dentro) e o profano (fora), entre a comunhão (dentro) e a desagregação (fora). Dentro, a fé na

<sup>23</sup> Guardadores de carros autônomos.

vitória do seu time alimenta a alma do torcedor, modificando aquele clima apresentado do lado de fora do estádio, ditando outras regras e orientando uma diferente forma de relação.

Ao entrar no estádio, a energia emanada toma conta do torcedor. Um informante me mostrava o braço todo arrepiado quando entrávamos. As torcidas têm seus lugares demarcados e há uma separação entre os adversários, inclusive com portões de entrada distintos. A parte neutra (aquela que separa os torcedores adversários) é ocupada pela polícia militar (PM) e é estabelecida de acordo com a importância da partida. A maior área foi a do Derby. As Torcidas Organizadas ocupam sempre a mesma faixa da arquibancada, mas isto não é exclusividade delas, os torcedores comuns procuram se sentar nos mesmos lugares. Esta ordem na distribuição dos assentos contribui para a socialização das pessoas que ali vão e torna o ambiente familiar para os que têm maior assiduidade. Além disto, estes torcedores têm incorporado em suas atitudes a dinâmica do local, o que faz com que um estranho seja facilmente identificado. Um episódio ilustra bem este fato: um torcedor, no calor absurdo do jogo Ponte Preta x Santos, quis comprar água. Chamou um ambulante que veio e lhe entregou o copo d'água. O torcedor se recusou a pegar a água quando viu que o copo não estava lacrado e pediu uma fechada. O ambulante disse que não tinha. Então o torcedor desistiu da compra e o ambulante disse com ironia: "Você nunca veio ao Campo?". O torcedor diz que sim e o ambulante retruca: "Mas não aqui, né! Todas as águas são abertas! (bravo)". E de fato isto é verdade. Elas são abertas por ordem da PM para dificultar que o copo chegue ao campo por meio de um arremesso. O "estranho" não conhece as tradições do local. Pode até conhecer as de outro estádio, mas cada um tem a sua dinâmica.

O jogo de futebol num estádio está além dos 45 minutos de cada tempo. Existe um certo ritual antes, durante, no intervalo e ao término do jogo. O durante será deixado para uma análise posterior. O antes é marcado pelos encontros e conversas sobre o cotidiano e também sobre futebol. São os lances de grande beleza plástica, os gols da semana, o jogo passado etc. Há um resgate das emoções vivenciadas em outro momento, em virtude do futebol.

As equipes sobem ao gramado para se aquecerem. Os torcedores vão e intimidam os rivais e aplaudem e incentivam seu time. Repetem este comportamento quando as equipes retornam aos vestiários para se trocarem antes de voltarem para o jogo. As bandeiras e os instrumentos são trazidos e organizados em seus lugares. As Torcidas Organizadas disputam qual é a mais barulhenta, a que influencia mais o time, através de diálogos onde uma responde às provocações dos adversários por meio de cantos. É importante lembrar que a tensão e o envolvimento dos torcedores é diretamente proporcional à importância do jogo e/ou à rivalidade existente entre as equipes. Assim, nos jogos Ponte Preta x São Caetano, Guarani x São Paulo, Guarani x Corinthians e, principalmente nos Derbys, tudo é exacerbado. Neste confronto, o antes

começa bem mais cedo. Os torcedores sonham com o jogo e passam a semana tensos e ansiosos. Chegam ao estádio no limiar de sua tensão.

Na liga Rio-SP, as Cheerleaders<sup>24</sup> “animavam” a torcida durante os jogos. A rivalidade também se fez presente através delas. Antes do início da partida todas eram elogiadas à maneira rude do machismo que prevalece no local. Quando as equipes iam entrar em campo, elas se dividiam e entravam em volta de cada equipe. Aquelas que entravam com a equipe adversária, passavam, então, a serem adversárias, como na “síndrome de beduíno” (Toledo,1996): amigo de inimigo é inimigo, inimigo de inimigo é amigo, e amigo de amigo é amigo. Assim, elas eram xingadas e o encanto inicial quebrado.

A entrada da equipe rival é acompanhada de vaias e xingamentos. A hostilidade se faz necessária na medida em que os torcedores acreditam que podem desestruturar os adversários desta forma. Quando o time do coração entra, o ambiente é tomado de alegria: aplausos, incentivo, fogos. A bandeira é estendida (FOTO 2). A escalação do time é cantada pela torcida, numa exaltação do seu patrimônio. Depois de tudo isto, o jogo se inicia.



FOTO 2. Bandeiras. Também são estendidas em outras ocasiões além da entrada da equipe, como veremos adiante. Fotos retiradas dos sites das torcidas organizadas.

Com o término do primeiro tempo, vem o intervalo. É uma quebra brusca da dinâmica da partida, superior a do término do jogo. Alguns torcedores se levantam e

<sup>24</sup> Garotas uniformizadas que fazem coreografias ao som de músicas. A idéia foi copiada do esporte universitário norte-americano.

vão ao banheiro. Muitos permanecem onde estão. A bateria dá uma pausa ou “puxa um sambinha”. As conversas fogem do jogo demarcando o cotidiano como tema. É o único momento que dá para conversar com os amigos ou colegas que se encontram por ali. Muitos nem se vêem durante toda a semana e só tem aqueles 15 minutos para “trocar idéia com o camarada”. Mas este caráter amistoso do intervalo também é modificado de acordo com o jogo. Nos Derbys o assunto foi direcionado aos lances do primeiro tempo. Isto também ocorreu em outro jogo (Ponte Preta x São Caetano) devido a um erro do auxiliar<sup>25</sup> que teve influência no resultado da partida, segundo os torcedores pontepretanos. Nesta ocasião, o bandeirinha foi o tema do intervalo e “perseguido” durante todo o jogo. No Derby do Majetoso saiu uma discussão entre torcedores pontepretanos. Outros torcedores diziam: “Vamo parar aí!”, “Tem que bater em bugrino, cacete!”, “Vai bater nas galinhas, meu!”. Brigar entre si é tido como um desperdício de energia. Só dá mais força ao rival. Quando o dispêndio de energia é contra os torcedores rivais, aí sim, é aceito e satisfatório. Em jogos onde a tensão é exagerada, os torcedores não conseguem se desligar da partida nem no período reservado a isto. Não há quebra na rotina do jogo. Parece, até mesmo, ser intensificada. Antes do início do segundo tempo os times voltam a campo: o adversário debaixo de vaias e o time dos torcedores, incentivado e aplaudido.

O juiz apita o fim do jogo. Agora não há aquela quebra abrupta observada no intervalo. Os torcedores continuam sintonizados no jogo. Os assuntos dizem respeito aos lances ocorridos na partida. Se o placar é favorável ou satisfatório, ou ainda, se o time jogou muito bem, não existe cobrança sobre técnico e jogadores. O que se vê é uma grande festa. Após o jogo Ponte Preta 3x2 Santos, os pontepretanos foram comemorar a vitória no Centro de Convivência de Campinas, onde havia uma multidão que prestigiava o Carnaval de Rua da cidade (uma prévia do carnaval). Os torcedores se uniram e cantaram hinos das Torcidas Organizadas do time.

Na derrota, a cobrança é enorme. O técnico e alguns jogadores são cobrados e ameaçados. Dependendo da situação do time no campeonato, os torcedores pedem a saída do técnico, que é o maior bode expiatório do futebol brasileiro. Vão para perto do túnel que dá acesso ao vestiário xingá-lo e ameaçá-lo. Portões, alambrados e outras estruturas são agredidas a socos e pontapés.

Na saída do estádio, em direção ao ponto de ônibus, os torcedores procuram achar explicações para a derrota, listando e culpando os erros cometidos pelo time. Não presenciei sequer uma briga neste trajeto. Um fato que ocorreu foi uma pedra (bem grande, por sinal) atirada no ônibus, após o jogo Guarani 2x3 São Paulo. Havia um grupo de garotos no ponto. Somente um deles era bugrino, todos os outros eram são paulinos. Eles ficaram se empurrando e discutindo, mas na brincadeira. Eram amigos. Um outro garoto são paulino chegou (vestia a camisa do time). O ônibus parou. Este garoto subiu e apressadamente tirou a camisa e colocou-a numa mochila verde. Dentro

---

<sup>25</sup> Popularmente chamado de bandeirinha.

do ônibus ouviu-se “Olha a bolsinha dele!” e, logo depois que o ônibus saiu, a pedra foi arremessada através da janela traseira. Não foi identificado o autor do arremesso. Pareceu mais um ato de afirmação perante os colegas do que a violência para com o adversário, pois a grande maioria dos garotos era são paulina e eles viram aquele garoto com a camisa do clube, apesar da mochila verde.

Após o Derby do Majestoso, fomos ao lado de alguns garotos pontepretanos até o ponto de ônibus. Durante todo o trajeto eles diziam que queriam encontrar torcedores bugrinos. Muniram-se de pedras que encontraram pelo caminho, mas não toparam com nenhum torcedor alviverde. No ponto de ônibus só tinha pontepretanos. Eles ficavam vigiando os carros para ver se viam alguns bugrinos. A tensão era grande. As pessoas alheias ao jogo que também esperavam pelos ônibus estavam amedrontadas. As pessoas que passavam de carro percebiam a intimidação e rapidamente tratavam de mostrar um símbolo da Ponte (camisa, gorro, etc.) para os torcedores do ponto. Um dos carros recebeu um lançamento de uma garrafa de vidro. Não vimos nada que os identificasse como bugrinos. Havia dois jovens casais no carro. Nada aconteceu além do susto, nem o vidro foi quebrado. Dentro do ônibus os torcedores continuaram à procura de bugrinos pela rua.

No término do segundo Derby, as torcidas continuaram em campo cantando músicas e ironizando o rival. Foi na penúltima rodada da liga Rio-SP. A derrota no jogo (para ambos os times) seria “premiada” com o rebaixamento. Não só o rebaixamento estava em jogo, mas também o tabu de 15 anos. Fim do jogo, empate de 1x1. Os pontepretanos, mais confiantes devido a última rodada em que jogariam em casa, e também em relação ao outro rebaixamento do rival no Campeonato Paulista/2001, cantavam aos bugrinos: “Ão, ão, ão, segunda divisão”. Os bugrinos retrucavam contando de 1 a 15 e depois “Parabéns a você”, ironizando o tabu.

O jogo permanece latente nos torcedores. Seja na busca da explicação para a derrota, na cobrança a técnicos e jogadores, na exaltação da vitória ou no diálogo entre torcidas rivais. Mesmo com o término do jogo, os torcedores sentem a necessidade de se rivalizar, pois a guerra não chegou ao fim. Outras batalhas virão. Novamente estarão frente a frente e os acontecimentos vivenciados serão sempre retomados.

Estes três períodos do jogo (o antes, o intervalo e o término) apresentam uma similaridade. O hino dos clubes é tocado várias vezes nestes períodos pelos alto-falantes de seus estádios. O hino é um dos símbolos do clube. Tocá-lo é exaltar o clube e unir seus torcedores. É uma forma de motivá-los exacerbando o “nacionalismo clubístico”.

Durante o jogo, a tensão parece aumentar. O desempenho do time influencia a motivação da torcida tanto quanto a torcida influencia o time. As Torcidas Organizadas com seus cantos e instrumentos “puxam” os outros torcedores. A bateria tem bastante influência sobre a motivação dos torcedores. Em alguns jogos em que a bateria demorou a chegar, a animação dos torcedores caía. São os instrumentos e os cantos

dos torcedores organizados que ditam o ritmo dos estádios. Um canto “puxado” por um torcedor comum dificilmente tem continuidade, pára no seu próprio “compositor”. Já os cantos das Torcidas Organizadas também são cantados por outros torcedores. Estes cantos seguem a mesma divisão elucidada por Toledo (1996): auto-afirmação, incentivo, intimidação e protesto. A maioria deles carrega o nome do time ou da torcida rival (vide Anexos). Alguns torcedores organizados (geralmente os líderes) às vezes nem assistem aos jogos. Ficam de costas para o campo orientando e incentivando a massa torcedora (FOTO 3). Eles se revezam na função, mas ficam grande parte do jogo assim.



**FOTO 3.** Torcedor comandando os gestos da torcida.  
(Fonte: [www.serponte.com.br](http://www.serponte.com.br))

Além de incentivar, os torcedores cobram e orientam os jogadores. Uns até tentam apitar o jogo. Eles baseiam seus direitos nos deveres que cumprem em função do clube. Se incentivarem, poderão cobrar. Os torcedores preferem os incentivos às críticas, por falhas ou erros dos jogadores. Por isso abominam aqueles que só cobram, os chamados “corneteiros”. Dizem que não são torcedores de verdade e só vão aos estádios porque não têm nada melhor a fazer. Eles não são bem aceitos, pois usufruem os seus direitos esquecendo dos deveres.

Em relação à questão da importância do torcer (mencionada no capítulo 4), um fato ocorrido no jogo Guarani x São Paulo é bem relevante. Um bugrino reclamou do jogador Martinez que cobrou mal um escanteio. Mandou dá-lo à Ponte-Preta. Alguns minutos após este lance, o Guarani fez um gol (2x3 São Paulo). Ele não viu quem fez o gol e quando ficou sabendo que o autor do gol foi o mesmo do escanteio minutos antes, disse: “Viu, tenho que xingar para ele jogar!”. O torcedor atribuiu ao gol, o poder que ele exerce sobre o time. Durante os jogos, isto ocorre bastante. É um dos aspectos que leva o torcedor aos estádios.

O palavreado utilizado é de baixo calão. Palavrões são “cuspidos” a toda hora pela grande maioria. Não há distinção quanto ao gênero, idade ou raça das pessoas que os pronunciam. Podem ser dirigidos à equipe rival ou a arbitragem. Os mais utilizados foram “vai tomar no cu” e “filho da puta”. A grande maioria dos palavrões sugere a feminilidade do rival. No ambiente machista do futebol, a melhor maneira de agredir os adversários através dos palavrões é duvidando de sua masculinidade. Segue alguns exemplos: *“Pontepretano filha da puta, chupa rola e dá o cu...”*, *“Vai toma no cu macaco”*, *“Rema, rema, remador, pau no cu do tricolor, tricolor só tem pernetta, pau no cu da Ponte Preta...”* (torcida do Guarani); *“Sou Ponte Preta ela bota pra fuder...”*, *“A fúriacu<sup>26</sup> é diferente, só tem viado, só tem cuzão.”* (torcida da Ponte Preta).

O palavrão é uma forma de violência simbólica (Reis, 1998). Assim como a autora constatou em sua tese, nesta pesquisa a violência simbólica também foi a mais manifestada no decurso dos jogos, através dos cantos, dos palavrões, de gestos, da exposição de bandeiras e camisas. Diante destas manifestações, os torcedores “agredidos” sempre retrucam “dando o troco”, também por intermédio de um destes tipos de manifestação.

No jogo Guarani x São Paulo presenciei um tipo de manifestação de violência que deixou os bugrinos muito revoltados. A Torcida Independente<sup>27</sup> gritou numa só voz “Queima, Queima, Queima....!” e logo após o anúncio, seus integrantes queimaram uma camisa do Guarani. É uma agressão muito bruta ao adversário. Destruir o maior símbolo do clube (sua camisa) é como chamar para briga. Isto parece ser uma tradição em Derbys (FOTO 4). As Torcidas Organizadas dão grande importância a este ato, guardando-o através de fotos e exibindo como troféu em seus sites.



Foto 4. A maior das agressões simbólicas ao rival. (Fonte: sites das torcidas organizadas)

<sup>26</sup> Referência pejorativa à Torcida Fúria Independente do Guarani.

<sup>27</sup> Torcida Organizada do São Paulo Futebol Clube.

Nos Derbys, como a tensão é grande, o limiar de tolerância à violência foi ultrapassado algumas vezes e com isso tivemos a violência real. Durante o jogo, raramente há manifestações de violência real entre torcedores rivais. É raro se “toparem” dentro dos estádios. O mais corriqueiro, quando acontece, é se enfrentarem fora, antes ou depois da partida, principalmente no trajeto que percorrem. No dia 21/01/2002, torcedores pontepretanos e bugrinos travaram uma verdadeira batalha na Rodovia dos Bandeirantes. As torcidas voltavam de São Paulo onde foram acompanhar o Derbinho (Derby na Taça São Paulo de Juniores). O confronto deixou um bugrino baleado na coxa direita e graças à polícia militar de Jundiaí não aconteceu uma tragédia ainda maior ([www.futebolinterior.com.br](http://www.futebolinterior.com.br)). A rivalidade é levada ao extremo em alguns momentos como este. O torcedor rival não é apenas diferente, é um inimigo. Eles não toleram sua diferença e fazem da violência real a forma adequada de manifestar seu ódio e preconceito.

No Majestoso (21/10/2001), ocorreu uma discussão entre os jogadores Léo do Guarani e Rodrigo da Ponte Preta. Ambos foram expulsos e do lado de fora do campo correram para se enfrentar numa briga. Confusão geral, vários jogadores envolvidos. Os torcedores se excitam. Um torcedor disse que se tivesse no gramado já ia chegar dando pontapés. A torcida do Guarani cantava: “Eô, eô, o Léo é um terror!”. O atacante fez um ato de bravura enfrentando o rival em território inimigo e seu ato foi reconhecido e ovacionado. Nem o cartão vermelho (que não é bem aceito pelos torcedores) foi recriminado. Neste jogo ainda saíram mais seis brigas. O interessante é que elas foram entre torcedores do mesmo time: uma na torcida do Guarani e cinco na da Ponte Preta. Os pontepretanos disseram que estas brigas entre eles só ajudam os bugrinos. Envergonham-se. Segundo eles, só acontecem estas brigas quando o time está perdendo ou empatando, e isto foi o que realmente aconteceu nos dois Derbys. No Brinco de Ouro só teve uma briga, na torcida pontepretana. Os bugrinos se divertiam, gritavam “Favela!”, “Se matem macacada!”. Aqui se observa que os estereótipos são resgatados para contribuir com a gozação do rival. Com a tensão e a ansiedade aumentada, a derrota ou um empate são mais um dos “ingredientes” que se misturam às provocações adversárias na “confecção” da violência real. Como vimos em Vogel (1982) a derrota é humilhante e triste. É comparada ao funeral. Alguns torcedores encontram nos socos e pontapés uma alternativa para “fugir” desta humilhação. Buscam nas brigas a auto-afirmação necessária ao consolo da derrota.

Para que ocorra a vitória, é necessário que saia o gol. O gol é o ápice do futebol, momento de maior êxtase da torcida, pois simboliza a “morte do inimigo” (Byington, 1982). Pode ser único e decisivo. Demonstra o poder de um time sobre outro. É altamente desestabilizador, e pode destruir todo o esquema tático de uma equipe. Daí a tamanha excitação neste momento. É um momento ímpar no esporte. Ao mesmo tempo em que denota o fim, o objetivo alcançado, dá a oportunidade de um novo começo, da bola ao centro, onde tudo começou. Mas a igualdade inicial não mais se apresenta, pois

o poder exercido pelo gol, transformou a partida. E esta transformação, só ele, o gol, tem o poder de exercer.

É dele o maior poder de influência sobre os torcedores. O êxtase é total. Bandeiras são estendidas, desconhecidos pulam e se abraçam como se fossem íntimos, torcedores sobem no alambrado, camisas são utilizadas como bandeiras em movimentos circulares. É um verdadeiro carnaval. É o único momento durante o jogo, em que os gritos se fundem num só. Não existem mais os diversos sons (cantos das Torcidas Organizadas) que outrora tomavam conta dos estádios. Com o gol, o som é único. Ele traz ao torcedor uma necessidade de dividir a felicidade. Querem conversar e falar do gol durante toda a partida, mesmo com os estranhos que estão ao seu lado.

O time que faz o gol eleva a confiança de sua torcida e diminui a da torcida rival. Após o gol, os torcedores cantam músicas que lembram títulos e que desafiam o rival. Este é sempre lembrado por meio das músicas, inclusive na sua ausência. Depois de toda comemoração do gol, os torcedores se preocupam mais em "zoar" os adversários do que em incentivar o time. Foi o que aconteceu, por exemplo, no jogo Guarani x São Paulo. O Guarani perdia por 2x0 quando fez um gol. Ao invés de incentivar o time para buscar o empate, os bugrinos só queriam saber de "zoar" os são paulinos.

O gol, quando é contra o rival em outro jogo no mesmo horário, também é bastante festejado. Ao ficarem sabendo, seja pelo alto-falante dos estádios ou pelo rádio de outro torcedor, festejam bastante, cantam músicas e "tiram sarro" nos rivais. Sabendo da importância do gol contra o rival (nos jogos simultâneos) na motivação de sua torcida, os dirigentes do Guarani, mais que rapidamente, pronunciam e mostram no placar eletrônico a notícia. Quando a Ponte Preta faz um gol, eles omitem a informação. Nem o empate do adversário da Ponte Preta é informado. Somente a derrota parcial do rival. É impressionante como isto motiva os torcedores bugrinos.

No Moisés Lucarelli, a rivalidade se sobrepõe a este artefato. O nome Guarani não é pronunciado no alto-falante do estádio. Os pontepretanos ficam sabendo do resultado do jogo do rival por intermédio de outros torcedores que escutam em seus rádios. Se voltarmos ao capítulo 6, entenderemos porque este anúncio é importante. Os entrevistados equiparam o gol sofrido pelo rival em outro jogo, ao gol feito pelo seu time. De fato, isto não ocorreu durante as observações. Sem dúvida, a festa também é intensa, mas não é como aquela que se dá após o gol de seu time. Este gera uma comemoração bem maior que aquele. Ainda mais no Derby, onde há uma exacerbação da emoção diante do gol do seu time. A dinâmica é a mesma, porém a intensidade, muito maior. As lágrimas chegam a descer pelos rostos de alguns torcedores.

Para que o gol ocorra, é necessário que alguém chute a bola. A torcida não tem este poder, mas influencia quem tem: o jogador. É por isso que os grandes ídolos e heróis das torcidas são os artilheiros, os goleadores. Eles são poupados das cobranças por uma derrota e lembrados quando não jogam. A torcida sente sua falta por atribuir a eles um melhor desempenho da equipe. Washington era o ídolo pontepretano durante

os campeonatos que acompanhamos. Quando ele não atuava, a torcida lamentava. Diante de erros de seus substitutos, os torcedores diziam: "essa ele não errava", ou "se o Washington tivesse jogando!". No Guarani não havia um ídolo durante o período da pesquisa e os bugrinos sentiam a falta de um. O ídolo é o ponto de referência e o eixo principal das aspirações dos torcedores. Além do goleador, o jogador "raçudo"<sup>28</sup> também é muito valorizado. Ele simboliza a luta do torcedor diante dos obstáculos do cotidiano. Não apresenta muita técnica, mas a compensa com vontade. Não faz muito gol, mas evita muitos. Rouba muitas bolas, destrói muitas jogadas. Tudo o que se relaciona com o gol é bem valorizado: o drible, bonitas jogadas, bons passes. Já aquilo que o dificulta é recriminado. O melhor exemplo é a cera<sup>29</sup>. Ela diminui o tempo de bola em jogo e, conseqüentemente, o tempo para marcar um gol. Os torcedores vão este tipo de comportamento do jogador.

Diante da imprevisibilidade do futebol, o torcedor busca outros "auxílios" além de todo incentivo que ele pode dar para que seu time faça gols e vença o jogo. Seja exercendo sua fé (orando ou fazendo o sinal da cruz) ou buscando forças externas por intermédio das superstições. Cada torcedor tem sua superstição, mas nos estádios existem algumas que são públicas. Os pontepretanos preferem atacar para o lado da estátua do Moisés Lucarelli<sup>30</sup> no segundo tempo. Há também uma "lenda" (segundo eles) que diz que quando o trem passa nos trilhos<sup>31</sup> ao lado do estádio, a Ponte Preta vira o jogo<sup>32</sup>. Os bugrinos também têm um lado bom para atacar. Gostam de atacar o segundo tempo para o lado esquerdo do tobogã (o ponto de referência é estar sentado nele). As equipes que conhecem estas superstições tentam desestruturar os times escolhendo seu lado no campo no início do jogo. Jogam com esta questão para tentar influenciar a partida. Cheguei a ser pivô de uma superstição. Meus amigos bugrinos e pontepretanos diziam que eu era pé frio. Foi só eu começar a ir aos jogos que suas equipes pioravam. Daolio (1997) elucida a questão da superstição:

*"[os] atos mágicos, apesar de não terem sido eficientes num determinado momento, não implicam mecanicamente perda da eficácia simbólica, desde que permaneça a crença neles. Na verdade, o pensamento supersticioso é auto justificável, mesmo quando não atinge o resultado esperado" (p.130).*

<sup>28</sup> Gíria utilizada para aquele jogador que demonstra grande vontade e raça durante a partida.

<sup>29</sup> Utilizar-se de vários macetes "aceitos" pelas regras (encenação de uma contusão, orientar o goleador a demorar a devolver a bola, trocar passes sem o mínimo de objetividade etc.) para interferir na continuidade do jogo.

<sup>30</sup> Uma outra superstição dos pontepretanos, observada no dia do Derby em seu estádio, foi vestir a estátua com a camisa da Ponte.

<sup>31</sup> Lembrando que estes trilhos têm íntima relação com a história do clube (Vide capítulo 5.1)

<sup>32</sup> É quando uma equipe sai de uma situação de desvantagem fazendo mais gols que o adversário e invertendo a vantagem no placar.

Em muitos jogos, as superstições não foram eficientes: Ponte Preta x Vasco, Ponte Preta x Guarani, Guarani x Ponte Preta, Ponte Preta x Jundiaí, Guarani x Corinthians, Ponte Preta x São Caetano. Neste último, o adversário fez o terceiro gol (o jogo estava 2 a 2) bem na hora que o trem estava passando. Apesar da ineficiência das superstições nestes momentos, os torcedores sempre voltavam a elas no jogo seguinte. Sua eficácia simbólica foi mantida mesmo diante da ineficiência.

No capítulo 4 falamos sobre a identificação com o clube e que um dos principais aspectos para tal fato era a questão das cores do time. Durante os jogos da Ponte Preta isto pôde ser comprovado. Foram distribuídas bexigas na cor preta, branca e amarela para os torcedores. Um torcedor ao meu lado, pegou três, uma de cada cor. No decorrer do jogo uma estourou e ele disse: "Beleza, estourou a amarela". O amarelo não faz parte das cores do time. Se porventura estourasse uma das outras duas bexigas (a preta ou a branca), ele teria ficado chateado. As cores também remontam a lembranças do rival. No jogo Ponte Preta x São Caetano, o time alvinegro estava com uma frase estampada na sua camisa: "Campinas pela paz", em virtude da violência que tem aumentado na cidade nos últimos anos. Até aí, nada de errado, não fosse pela cor das letras: VERDE. A Ponte Preta perdia por 2x1 e diante de mais um erro da equipe, um torcedor disse: "*É essa porra desse verde na camisa dos cara!*". Transformou a incompetência do time em azar ou "mau olhado" e colocou a culpa nas cores do rival.

Os cantos constituem-se na forma de manifestação da rivalidade mais freqüente nos estádios. As Torcidas Organizadas são quem "puxam" os cantos. Elas possuem um repertório pronto. Nos Anexos temos os cantos da Fúria Independente (Guarani) e da Serponte (Ponte Preta) que foram as Torcidas Organizadas que acompanhamos mais de perto. Dos 38 cantos da Fúria Independente, 15 têm alguma relação com a torcida, o time ou o estádio da Ponte Preta. Na Serponte, os cantos em relação ao rival são 2 dos 10 apresentados. Na hora do jogo, além dos cantos, são puxadas algumas rimas que na maioria das vezes falam do rival ou do adversário. É importante ressaltar que diferentemente da Fúria Independente, que é a maior Torcida Organizada do Guarani, a Serponte não é. A Torcida Jovem é a maior da Ponte Preta. No episódio do Derbinho (Rodovia dos Bandeirantes) foram as duas Torcidas Organizadas (Fúria Independente e Torcida Jovem) que se confrontaram. Utilizamos a Serponte aqui porque a acompanhamos mais que a Torcida Jovem.

Em muitos jogos, o primeiro canto das Torcidas Organizadas (principalmente Fúria Independente) era em relação ao rival. Lembram dele para buscar a motivação necessária ao jogo, antes mesmo de incentivar seu time. As músicas parecem ser construídas com o pensamento no rival, o que faz com que ele seja presente sempre, até mesmo em jogos contra outras equipes. No acompanhamento dos cantos, a bateria exerce grande importância para as torcidas, pois dita o ritmo e indica pela "batida" qual será o próximo canto a ser entoado.

O Derbinho citado anteriormente ocorreu no mesmo dia da estréia do Guarani no torneio Rio-São Paulo. Os bugrinos acompanharam o clássico Junior até o final. Só deram atenção ao jogo contra o Bangu quando aquele terminou. Para a tristeza deles, a Ponte venceu por 6x5 nos pênaltis, depois do empate de 1x1 no tempo normal. A retomada deste assunto se faz necessária pois, após este dia, a torcida da Ponte Preta cantou em praticamente todos os jogos a seguinte música: *"Olha que chocante, a Furiacu morreu na Bandeirantes"*; devido ao torcedor bugrino baleado e, conseqüentemente, à vitória simbólica atribuída por eles na batalha. Só no Derby no Brinco de Ouro, eles cantaram cinco vezes esta música. E não era só a Torcida Jovem (pivô do acontecimento) que cantava, e sim, toda a torcida da Ponte Preta. Neste mesmo jogo, eles também cantaram: *"Aha, Uhu, o galinheiro é nosso!"*, simbolizando uma invasão, ou melhor, a tomada de terras inimigas.

A torcida adversária (nos jogos importantes como o Derby ou contra os chamados times "grandes") faz muito barulho, mesmo em menor número. Sentem-se motivados pela coragem apresentada ao invadir terreno alheio e nada amistoso. Segundo alguns torcedores pontepretanos, em dia de Derby no Brinco de Ouro, eles compram ingressos bugrinos só para diminuir seu público. É só para diminuir, pois com esses ingressos eles não aumentam a da Ponte Preta. São ingressos diferentes e eles não podem entrar com um ingresso da torcida do Guarani no portão reservado aos pontepretanos. É um gasto necessário e relevante para eles. Na verdade, não é um gasto, é um investimento. Mesmo que isto seja uma lenda, dá maior motivação aos pontepretanos por acharem que conseguiram diminuir a torcida do Guarani.

Nos dois Derbys, as torcidas visitantes fizeram muito barulho, chegando até a "abafar" a torcida da casa em alguns momentos. No segundo Derby dava para ouvir melhor o diálogo dos torcedores. Este diálogo segue a lógica de "escrachamento" do rival, pelas músicas ou por rimas. Os assuntos lembrados são os mesmos expostos pelos entrevistados no capítulo anterior: título, rebaixamento e tabu. Os pontepretanos cantavam: *"Ão, ão, ão segunda divisão"*, devido ao rebaixamento do Guarani no Campeonato Paulista 2001 e ao possível (que depois se concretizou) na Liga Rio-São Paulo 2002. Os bugrinos respondiam cantando *"Parabéns a você"* pelos 15 anos de tabu e "alfinetavam" o rival pela falta de títulos: *"Não é mole não, mais de 100 anos sem gritar é campeão"*. Além deste canto, havia um bugrino com uma enorme estrela (símbolo do título) de isopor na mão e ficava mostrando aos pontepretanos. Todo este diálogo e provocações são instrumentos que as Torcidas Organizadas utilizam para desestabilizar a torcida adversária. Os torcedores acreditam que são capazes de influenciar a partida. Mas se eles são, os torcedores rivais também o são e, mesmo não aceitando isto (através de depoimentos dizendo que são melhores e que os rivais "não são de nada"), na hora do jogo sentem a pressão adversária e com isso, a necessidade de desestruturá-los. Desestabilizando a torcida, o time adversário ficará mais frágil e seu time terá mais condições de vencer. Portanto, além de superar a torcida rival nos

incentivos ao time (Toledo, 1996), as torcidas também precisam desestabilizar os adversários para que seu time tenha uma chance ainda maior de vencer.

A bandeira também é uma forma de manifestação da rivalidade, tanto é que os torcedores adversários se sentem xingados (Toledo, 1996) pela sua exposição. Os torcedores têm um certo ritual para a sua exposição. São expostas antes dos jogos, na entrada da equipe no gramado e na ocorrência do gol. A cada exposição há uma reação da torcida adversária, seja por meio de vaias ou xingamentos. Um fato interessante ocorreu no Derby do Brinco de Ouro. A torcida do Guarani estendeu sua bandeira antes do jogo. Assim que ela foi exposta, a torcida da Ponte Preta emendou um canto de "Burro, burro, burro...!". Mais que rapidamente a bandeira foi recolhida e logo após, estendida novamente. Muitos não entenderam nada, mas, da primeira vez, ela havia sido exposta de cabeça para baixo. Foi um erro gravíssimo. É o feitiço que vira contra o feiticeiro. A agressão que tinha como destino o adversário acabou voltando contra os "agressores". Foi ainda mais grave porque pouco antes disso os bugrinos "zoavam" as bandeiras dos pontepretanos. Para eles, as bandeiras rivais são uns "trapos", "velhas". Diziam que os pontepretanos "*Não têm dinheiro para comprar outra*". Foi uma reação à bandeira deles. Reação que se calcou na "inferiorização" dos bens adversários. Para completar a reação, eles trouxeram sua bandeira (que é muito melhor e mais bonita, segundo eles) para humilhar os pontepretanos. Mas cometeram aquela falha, e o ato não teve o efeito esperado por eles. É um "jogo" que ocorre além do jogo e que precisa ser bem jogado para não se desestruturar.

O placar dos estádios foi algo que me chamou atenção durante os Derbys. No Majestoso, o placar é manual e contém os nomes das equipes. O nome do Guarani não estava por extenso. São colocadas somente as iniciais G.F.C. (Guarani Futebol Clube). Além desta disposição do nome, há outra singularidade. Os gols bugrinos não são assinalados. O jogo foi 1x1 com o primeiro gol da Ponte Preta. Mas o placar manteve até o fim do jogo o placar de 1x0 para o time da casa. Além de não pronunciarem o nome do Guarani nos alto-falantes do estádio, os pontepretanos não reconhecem seus gols. Tentam de qualquer forma negar a presença do arqui-rival. Sua presença incomoda os pontepretanos, que acham que os bugrinos não são dignos de entrar no seu templo sagrado. Mas esta negação tentada pelos dirigentes pontepretanos é impossível de se concretizar, pois o Guarani está presente diante dos olhos de todos. Este comportamento é uma forma de amenizar uma possível derrota (que é sempre humilhante) para o grande rival em sua própria casa. Pelo menos simbolicamente ele não vence, nem sequer faz um gol.

O Brinco de Ouro possui um placar eletrônico que fica acima do local destinado à torcida adversária. No dia do Derby ele estava desligado e, o que é mais interessante, protegido por uma estrutura metálica, contra possíveis ataques pontepretanos. Para os bugrinos, os rivais têm inveja de seu patrimônio e fazem de tudo para destruí-lo. Não confiam na amistosidade dos alvinegros e atribuem a eles um comportamento vândalo.

A manifestação da rivalidade não é direcionada só aos torcedores rivais. Ela também persegue os jogadores. Em um Derby, a vontade dos jogadores é muito grande, devido à enorme tensão que toma conta do jogo. Os jogadores parecem estar disputando o último jogo de suas vidas e esta motivação é transmitida para a torcida. Em jogos assim, há um grande número de jogadas mais fortes e muito contato físico. A torcida odeia que os jogadores adversários encostem-se nos jogadores de seu time. Fica revoltada e os xingam. Os jogadores de seu time também são seu patrimônio. Agredi-los é agredir seu time, é uma agressão a ela própria. A união clube/jogador/torcida forma um tripé de sustentação no imaginário do torcedor. Cada uma das bases é influenciada pelas outras e todas precisam estar comungando o mesmo objetivo: o da vitória, para o engrandecimento do clube e, conseqüentemente, dos outros pilares: jogador e torcida. Por isso que existe uma certa perseguição a alguns jogadores. Durante os jogos, os perseguidos são aqueles que “mexem” ou agredem um jogador do time do torcedor; ex-jogadores do time que deixaram o clube, ou melhor, que para os torcedores, “traíram” o clube; ex-jogadores do time rival e seus antigos ídolos. Estes dois últimos são sempre perseguidos porque contribuem ou contribuíram para a construção histórica do rival. Neto, ex-jogador e agora diretor do Guarani, é um bom exemplo. No Derby no Majestoso, ele foi xingado enquanto permaneceu à vista dos torcedores da Ponte Preta. O Luizão, ex-jogador do Guarani e Pentacampeão Mundial de Futebol na Copa do Mundo de 2002, foi bastante lembrado também. Os pontepretanos o odeiam porque na sua estréia como jogador ele entrou no decorrer da partida e marcou o gol da vitória do Guarani num Derby no Majestoso. Eles são perseguidos porque agredem através das recordações e pelo ódio atribuído a eles por interferirem na harmonia do tripé clube/jogador/torcida.

Além das rivalidades tradicionais entre os adversários e já declarados rivais, existem outras rivalidades que ocorrem nos estádios.

**Torcedores da arquibancada x torcedores das cobertas** – para os primeiros a parte coberta é o local de encontro dos corneteiros. Como vimos anteriormente, os próprios torcedores abominam este tipo de torcedor. Já os que ficam nas cobertas acham que na arquibancada só existem vândalos e encrenqueiros. Não há manifestação desta rivalidade. O que se percebe é um certo preconceito, na maioria das vezes, social. Quem senta nas cobertas é a elite (cap. 4.3). Muitos não pagam ingresso. Justo eles que têm mais condição. Isto parece revoltar os torcedores que, além de pagar (caro, na opinião deles), ainda ficam expostos ao sol e à chuva. Porém, esses sacrifícios os fazem achar que têm mais direitos que aqueles. Que são mais torcedores e ajudam mais o time.

**Torcedores organizados x torcedores comuns** – os torcedores organizados se acham superiores aos comuns (capítulo 4), pelo maior sacrifício, devoção e assiduidade. Permanecem em pé durante toda a partida, cantam e tocam instrumentos, soltam fogos, estendem bandeiras, assistem e incentivam os treinos. Dedicam a seu clube mais tempo que os torcedores comuns. Têm um certo poder sobre estes quando eles acompanham seus cantos e acreditam ter maior influência sobre o time. Para os torcedores comuns, os organizados são muito violentos, e acham que quanto mais violentos, mais poderosos serão. São relacionados a gangues e crimes, fazendo com que os comuns sintam medo deles. Para os entrevistados, isto é um dos motivos para o afastamento de muitos torcedores dos estádios. Os comuns não se acham menos fanáticos que os organizados e dizem que esses são mais assíduos porque ganham dinheiro e entradas para os jogos. No jogo Ponte Preta x São Caetano saiu uma discussão entre um senhor e um integrante da Serponte. Não se sabe o motivo, mas o senhor levantou-se e disse: *“Eu sou muito mais pontepretano que você. Eu sou muito mais velho pontepretano que você”*. Há uma verdadeira disputa simbólica para ver quem é mais importante para o time. Cada um confia na sua torcida e no seu modo de torcer acreditando ser ele o melhor.

Existe um certo maniqueísmo em relação à Torcida Organizada, com uma valorização entre aquilo que ela oferece de bom (cantos, instrumentos, coreografias etc) e uma recriminação do seu lado ruim (violência) por parte daqueles que não fazem parte destas organizações. No primeiro acontecimento envolvendo torcidas organizadas, a imprensa logo coloca-os na berlinda, julgando e recriminando, mas numa chamada de televisão ou numa foto em revista relacionada ao futebol, a imagem que se tem é de uma Torcida Organizada. Eles são importantes para o espetáculo, ou melhor, a sua parte boa, embora não há como fazer esta separação. Seus comportamentos são estruturados através da dinâmica cultural em que vivem, e a violência está presente em seu cotidiano, não pode ser negada. Ela é apenas transferida para o estádio.

**Torcedores organizados x torcedores organizados** - as torcidas organizadas de um mesmo time também encaram a disputa simbólica da mais importante. Ao cantarem suas músicas, os torcedores da Serponte sempre dão uma “olhadinha” de lado para a Torcida Jovem. A Fúria Independente não tinha este tipo de comportamento. É a maior torcida do clube e a outra organizada (chama-se Jovem assim como a torcida organizada da Ponte Preta) não apresenta nenhum perigo a este título que ela mantém. Do lado alvinegro, a Serponte, é menor que a Jovem e necessita de afirmação. Ao cantarem suas músicas e olharem para o lado, é como se dissessem: “Ei, estamos aqui”; “estamos presentes”. E aqui se entende a importância dos cantos de auto-afirmação. Eles são um meio de alimentar a auto-estima das torcidas organizadas, como se elas falassem para elas mesmas: “eu sou boa, eu sou melhor”.

Os torcedores organizados atribuem qualidades pejorativas à outra torcida organizada, como aconteceu no jogo Ponte Preta e Santos, logo após o confronto da Rodovia dos Bandeirantes. Perguntei a um torcedor da Serponte se ele estava presente no dia da briga. Ele disse que não, que a Serponte é mais sossegada. O interessante é que ele demonstrou aprovação ao comportamento da Torcida Jovem. Unem-se contra a torcida organizada do time rival. Mesmo aceitando e aprovando o comportamento da Torcida Jovem, o integrante da Serponte atribui a ela o estigma de violenta quando diz que sua Torcida é sossegada. Isto também ocorreu no intervalo do primeiro Derby. Depois de apartada uma discussão no local onde a Serponte se localiza, um integrante da torcida disse: “quando acontece isso é coisa da Jovem”. Atribuindo a culpa de desentendimento à outra Torcida Organizada. Ele não acredita na possibilidade de dois integrantes de sua torcida (a Serponte) começarem uma discussão. Eles são pacíficos. Violentos e encenqueiros são os outros. Nos jogos no Brinco de Ouro não ocorreu nada tão relevante neste aspecto. Fiquei mais próximo à Fúria Independente e a Jovem do Guarani é bem pequena.

A lógica apresentada então parece ser: disputar o título de melhor torcida organizada do clube, fazer o possível para que ele vença e unir-se às outras torcidas do clube para “eliminação” do rival e seus torcedores, incluindo suas torcidas organizadas, para que, com isso, faça parte da história de seu clube e se sintam necessários à sua construção.

## 8) CONSIDERAÇÕES FINAIS:

---

O futebol no Brasil não pode ser restringido à discussão sobre suas táticas, técnicas ou simplesmente ser visto como forma de lazer. Ele é muito mais do que isto, aliás, engloba todos estes aspectos e alguns outros. Não é limitado pelas formas geométricas que constituem o campo, muito menos, pelo concreto e os tijolos que dão forma aos estádios. O futebol extrapola estes limites constituindo-se num fato social total.

A área de Educação Física precisa olhar o futebol e enxergar além dele. É muito mais que um simples esporte proporcionando aptidão física a seus praticantes e lazer aos observadores. O futebol é um legado sócio-cultural brasileiro. Entender um pouco mais o homem que torce é entender o homem nacional e este trabalho tentou "mexer com a essência do torcedor". É claro, e temos consciência disto, que não desvendamos aqui todos os segredos dos torcedores, mas a questão da rivalidade ficou um pouco mais clara. Ela foi manifestada, entre torcedores adversários, por meio de exposição de bandeiras e camisas, cantos e gritos de guerras, palavrões, além de outras formas. O time e a torcida rival sempre foram lembrados durante os jogos, mesmo quando não se faziam presentes no estádio. A relação entre torcedores rivais mostrou-se sempre demarcada pela constante tentativa de negação ou desqualificação do outro. Já na relação entre torcedores da mesma equipe, a rivalidade também se fez presente na forma de uma certa competição entre eles, visando demonstrar quem tem maiores influências sobre a performance do time, tornando-se, assim, mais importante a ele.

É importante ressaltar que não se deve tomar este trabalho como verdade absoluta à rivalidade manifestada entre torcedores das equipes de futebol do Brasil. Afinal de contas, ele focalizou um caso específico: torcedores das equipes campineiras. Talvez, possa sim, existirem várias coincidências em relação a outras equipes rivais do futebol brasileiro. Mas, partir das coincidências para uma generalização é um salto muito grande e um erro que não deve ser cometido. O que pode e deve ser feito, ao invés de generalizar, é tomar este trabalho como ponto de partida para futuras análises a outras rivalidades entre torcedores.

Uma das grandes importâncias que delegamos a este trabalho, e que fomos nos dando conta disto somente nas fases finais de sua elaboração, é a questão da aproximação entre a Universidade e aqueles que não têm acesso a ela, neste caso, a grande maioria dos torcedores. Fazer com que eles reflitam sobre seus comportamentos é de suma importância, a partir do momento em que isto possa ajudá-los a compreender e tolerar as diferenças observadas na forma de torcer do outro, o torcedor rival. Assim, quem sabe, a violência real vai ser tão diminuta que sua ocorrência será digna de vergonha, e não mais de gabação por parte das facções envolvidas. Espero não estar sonhando muito alto, pois são de sonhos que se constroem projetos e, de projetos que se constroem a vida!

## 9) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

---

- BYINGTON, C. A riqueza simbólica do futebol. *Psicologia Atual* 5(25):20-32, 1982.
- CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo, Ática, 1994.
- DAMATTA, R. et alii. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- DAOLIO, J. *Cultura Educação Física e Futebol*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.
- \_\_\_\_\_. As Contradições do Futebol Brasileiro. In: CARRANO, P.C.R. (org). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- DURHAM, E. R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. *Ensaio de Opinião*, v.4, p 32-35, 1977.
- FLORES, L. F. B. N. Na Zona do Agrião. Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol. In: DAMATTA, R. et alii. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- GALEANO E. Depois do Mundial: Futebol em Pedacinhos. In: CARRANO, P.C.R. (org). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.
- LAPLANTINE, F. *Aprender Antropologia*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- LEVER, J. *A Loucura do Futebol*. Rio de Janeiro, Record, 1983.
- MELO, V. A. Futebol: Que História é Essa?! In: CARRANO, P.C.R. (org). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- OLIVEIRA, I. B. Futebol: Os Santos Guerreiros Contra o Dragão da Maldade. In: CARRANO, P.C.R. (org). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.
- REIS, H. H. B. *Futebol e sociedade: As Manifestações da torcida*. Campinas, 1998. Dissertação (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1998.
- ROSENFELD, A. Negro, Macumba e Futebol. (Coleção Debates) São Paulo, Perspectiva/EDUSP/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- SANTOS NETO, J. M. *O Início de Uma Paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000.
- SILVA, E. M. A violência no futebol e a imprensa esportiva. In: COSTA M. R.(et al.). *Futebol: Espetáculo do Século*. São Paulo, Musa Editora, 1999.
- SILVA, S. R. *Tua Imensa Torcida é Bem Feliz...* da relação do torcedor com o clube. Campinas, 1998. Dissertação (Doutorado em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.
- TOLEDO, L. H. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, Autores Associados, 1996.

- \_\_\_\_\_ A invenção do torcedor do futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer. In: COSTA M. R. (et al.). *Futebol: Espetáculo do Século*. São Paulo, Musa Editora, 1999.
- VOGEL, A. O Momento Feliz: Reflexões Sobre o Futebol e o Ethos Nacional. In: DAMATTA, R. et alii. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- ZAGO, V. L. O. *Dérbi Campineiro*. Campinas, 1997. Monografia – LABJOR (Laboratório de Jornalismo) e Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1997
- [www.clube.hpg.ig.com.br](http://www.clube.hpg.ig.com.br);
- [www.furiaindependente.com.br](http://www.furiaindependente.com.br)
- [www.futebolinterior.com.br](http://www.futebolinterior.com.br).
- [www.guaranifc.com.br](http://www.guaranifc.com.br);
- [www.pontepretaesportes.com.br](http://www.pontepretaesportes.com.br);
- [www.senado.gov.br/jornal](http://www.senado.gov.br/jornal): *Relatório Final é aprovado por unanimidade*; Edição de sexta-feira, 07 de dezembro de 2001.
- [www.serponte.com.br](http://www.serponte.com.br).

## 10) ANEXOS:

---

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA:

- 1) Há quanto tempo você torce pelo time?
- 2) Em que local do estádio você costuma se sentar?
- 3) Você faz parte de alguma torcida organizada? Qual?
- 4) Fale um pouco sobre seu time:
  - a) O que ele representa na sua vida?
  - b) O que você sente quando ele vence?
  - c) E quando ele perde?
  - d) A que instituição ou personalidade, nacional ou mundial, você compararia seu time? Por quê?
- 5) Fale um pouco sobre o maior rival de seu time:
  - a) O que você tem a dizer sobre ele?
  - b) O que representa para você uma vitória dele?
  - c) E uma derrota?
  - d) O que você sente quando ele vence seu time?
  - e) E quando ele perde para seu time?
  - f) A que instituição ou personalidade, nacional ou mundial, você compararia o time rival? Por quê?
- 6) O que você pensa sobre:
  - a) Os torcedores organizados;
  - b) Os não organizados;
  - c) O policiamento;
  - d) Os árbitros;
  - e) Dirigentes;
  - f) Estádios.
- 7) O que seria de você e do seu time se o rival não existisse ou deixasse de existir?

## MÚSICAS E CANTOS DAS TORCIDAS ORGANIZADAS

### FÚRIA INDEPENDENTE (TORCIDA ORGANIZADA DO GUARANI)

<p>Atirei o pau na Ponte... E mandei toma no cu... Pontepretano Filha da Puta... Chupa rola e da o cu... Eii Ponte, vai toma no cu... Bugrão e ô, Bugrão e ô.</p> <p>A Fúria está na moda, O mundo aplaudiu, É um barato é um sucesso, Dentro e fora do Brasil, A Fúria é do Bugrão, Do Bugrão, do Bugrão,</p> <p>Na hora da porrada, Ninguém segura não.</p> <p>Domingo, vai ter um joguinho ai, ô ô, ô ô E a Fúria está ai, ô ô, ô ô Vai da uma força pro Bugrão, E não vai ser de brincadeira, Ele vai ser campeão, Por que? Porque meu time bota pra fuder, E a Fúria independente da porrada pra valer, Oo oooooo ooooo ooo Fúria...</p> <p>Alalao, ooooo, A Fúria agitou. O Bugrão Ganhou.</p> <p>Não, Não vai dar não, Você mexeu com a Fúria do Bugrão... Cê vai correr, correr até cair, Vai ser pisoteado, Vai parar na U.T.I Morreu...</p> <p>Pula sai do chão, Sou da Fúria do Bugrão, Geral. Pula sai do chão, Sou da Fúria do Bugrão, Geral.</p>	<p>Vimos do Chiqueiro, E muitas vezes, tivemos que parar.. Parar.. Parar... Parar pra da porrada, Da porrada em chimpanze... Da porrada em chimpanze... Ma-ca-co vou te matar !!! Oooo ooo ooo... Oooo ooo ooo...</p> <p>Dalhe, dalhe dalhe Bugre, Com muito orgulho, Com muito amoor... Dalhe, dalhe dalhe Bugre,</p> <p>Com muito orgulho, Com muito amoor... Vaaaiiii, toma no cú macaco, Eu sou da Fúria, O seu terrooor... Vaaaiiii, toma no cú macaco, Eu sou da Fúria, O seu terrooor...</p> <p>Explodi coração, Na maior felicidade, É lindo o meu Bugrão, Contaginado e sacudindo esta cidade.</p> <p>Explodi coração, Na maior felicidade, É lindo o meu Bugrão, Contaginado e sacudindo esta cidade.</p> <p>E Corre Jovemcú, Na Maior velocidade A Fúria vem ai, Dando porrada e destruindo esta cidade.</p> <p>E corre Jovemcú, Na maior velocidade A Fúria vem ai, Dando porrada e destruindo esta cidade.</p> <p>Vai toma no cu macaco, Vai toma no cu macaco, Torcida Jovemcu, Não cansa de correr, La fora a porrada vai comer.</p>	<p>Rema, rema, remador, Pau no cu do tricolor, Tricolor só tem permeta, Pau no cú da Ponte Prete, E se o Bugre não ganhar, Ole ole ola, O pau vai quebrar.</p> <p>Fúria Independente, Ninguém pode com agente.</p> <p>Balança, ôô balança. Chegou a hora desta Fúria sacudir, ô sacudir. Deixar a macacada louca, Com sangue na boca, La na U.T.I. Morreu...!</p> <p>Ô ô ô ô, A Fúria Chegou, Laia laia, Vimos pra detona.</p> <p>Sal, sai da frente, Sai que eu sou da Fúria Independente.</p> <p>Aeee, ea ea, Aeee, ei ei, Ei Torcida Jovem, Cambada de Cuzão, Sou Fúria Independente, O terror desta nação.</p> <p>Sooooo, Eu so da Fúria, eu soo, O Bugre joga eu vou, E ninguém vai me segurar, Nem o Farah.</p> <p>Aaah! A Fúria é uma festa, Só tem bagulho do bom, E da porrada em torcida de cuzão.</p>
--	---	--

## CONTINUAÇÃO (FÚRIA INDEPENDENTE)

<p>Pegamo a Jovem, A Serponte, Fanaticu agente gosta. Se a Raça não está aguentando, Para um pouquinho que a Fúria é foda. A Fúria é foda, A Fúria é foda, Disposição, Do porrada de montão.</p> <p>Lelelele, lelelele Sou Fúria Independente, A maior do interior, Lelelele, lelelele Sou Fúria Independente, A maior do interior, Distroi o chiquerão, Levanta arquibancada, Sou Fúria Independente O terror da macacada, Lelelele, lelelele Sou Fúria Independente, A maior do interior,</p> <p>Ta chegando a playboyzada, Ta chegando a playboyzada, Na hora da porrada, Na hora de torcer, A playboyzada bota pra fuder.</p> <p>Eu sou da Fúria, Eu dou porrada, A mais falada, No mundo todo.</p> <p>Vem chegando a Zona Oeste, Vem fazendo um arrastão, Junto vem a Zona Norte, Com muita disposição, Olha só quem vem la, Zona Leste é U.Q.A, É U.Q.A, Fúria Zona Sul, Dando Porrada na torcida Jovemcu, Olele, olala, A Fúria já chegou, E o bicho vai pega.</p>	<p>Uuuu! é o Capeta, A Fúria é a mais temida do planeta !</p> <p>Lalalaialala, laialaia, Lalalaialala, laialaia, Torcida resposta é a Fúria, Vou contar uma historia, Que é na moral, Torcida Jovemcu, Eu quebrei de pau, Serponte pequena. Não aguentou, A macacada toda, Também peidou, Torcida Resposta é a Fúria. Lalalaialala, laialaia, Lalalaialala, laialaia.</p> <p>Alalaô ô, alalae, Sou da Fúria Independente, Sou bugrino até morrer,ê ê.</p> <p>Quem vem de la ? Sou eu morena, Verde e branco Guarani quem vai jogar, E o Verde e Branco, Sinal de guerra, Eu sou da Fúria que estremece a terra, Fúria. Booogre, boo boo bogre, Eu sou da Fúria.</p> <p>A maré ta cheia, Ta ta ta ta ta, Cheia do que ? Cheia de sereia, E o Bugrão querendo golear... Caiu na rede é peixe, Le... le... ahh..., O que ? O que? O Bugrão vai golear.</p> <p>Graças a Deus eu sou Bugrão, E ele está no coração, Ele ganhando, Ele perdendo, Eu sou bugrino, De coração, Graças a Deus.</p>	<p>Bate na palma da mão, Bate na palma da mão, Sou da Fúria do Bugrão.</p> <p>O Bugre vai jogar, A Fúria está lá, liiii só da ela, Lelelelelele, Bota pra fuder. Lalalaialala, laialaialala Só da Bugrão Eeeeeee, Bota pra fuder.</p> <p>Ooooo, a maior do interior.</p> <p>Lê, lelele, lelele, lelele,lelele Bugre, Lá, lalaia, lalaia, lalaia, laiaia, Fúria</p> <p>Ooooooo, Todo Jovemcu é cuzão, Filha da Puta.</p> <p>Pla-y-boy é o caralho, Eu sou é vagabundo, Fúria Independente, Sai robando todo mundo.</p> <p>Tem que corre corre, Corre corre corre, A Jovemcu corre pra sobreviver, Correu na Ayrton Senna, Até o Chiqueirão, A Fúria Independente, Da Porrada de Montão, Correu na Prefeitura, Ao Largo do Pará, A Fúria Independente, Da porrada sem parar, Correu no Mercadoão, Ao Terminal Central, A Fúria Independente, Na Porrada é animal, Tem que corre corre, Corre corre corre, A Jovemcu corre pra sobreviver.</p>
---	---	---

[www.furiaindependente.com.br](http://www.furiaindependente.com.br)

## SERPONTE (TORCIDA ORGANIZADA DA PONTE PRETA)

<p>É ÊÊÊÊ</p> <p>Violência e porrada na SERPONTE é pra valer</p> <p>SERPONTE já chegou na arquibancada É dia de jogo é dia de porrada</p> <p>SERPONTE já chegou na arquibancada É dia de jogo é dia de porrada</p> <p>SERPONTE não tem medo de ninguém</p> <p>SERPONTE na porrada mata um e mata cem</p> <p>SERPONTE não tem medo de ninguém</p> <p>SERPONTE na porrada mata um e mata cem</p> <p>É ÊÊÊÊ</p> <p>Violência e porrada na SERPONTE é pra valer</p> <p>EU SOU SERPONTE</p> <p>MEU GRITO É FORTE PRA QUEM QUIZER ME OUVIR EU NÃO LIGO PRA TANTAS COISAS QUE DIZEM POR AÍ EU SÓ QUERO BRIGA MEU LEMA É EMPOLGAÇÃO FAZENDO FESTA NA ARQUIBANCADA E ALEGRIA DO POVÃO EU SOU SERPONTE SOU DIFERENTE SOU FIEL DA MACACA SOU A FORÇA INDEPENDENTE</p> <p>OLE, OLE, OLE OLE OLE PONTE BOTA PRA FUDER SERPONTE BOTA PRA FUDER OLE OLE OLE NÃO ADIANTA FAZER CARETA A sensação do brasileiro é a PONTE PRETA</p>	<p>A PONTE PRETA hoje está contente A PONTE PRETA hoje está feliz</p> <p>A PONTE PRETA é o time MAIS ANTIGO O MAIS QUERIDO deste meu país VEM PONTE PRETA VEM MEU AMOR VEM, COM A SERPONTE QUE A SERPONTE É VOCE É TORCIDA INDEPENDENTE (bis) ELA BOTA PRA FUDER (bis) ALA LA O O O O O MAS QUE CALOR OO OOO</p> <p>EU VIM DO MAJESTOSO SOU PONTE PRETA ELA BOTA PRA FUDER</p> <p>OLÉ ÉO SERPONTE EU SOU OLÉ ÉO SERPONTE EU SOU OLEEEEEEE EEE OOOOOOOO SERPONTE EU SOU OLEEEEEEE EEE OOOOOOOO SERPONTE EU SOU</p> <p>ATACA, MASSACRA IMPOÊ O SEU VALOR NÃO TEM MEDO DA MORTE OU INIMIGO CAUSA HORROR NAÇÃO SERPONTE NOSSO LEMA É VIBRAÇÃO SADAM HUSEN SADAN HUSEN SOU, SOU DA SERPONTE EU SOU VOU DAR PORRADA EU VOU E NINGUÉM VAI ME SEGURAR NEM O FARAH...</p> <p>Porrada no Pacaembú Porrada no Morumbi Se é pra porrada a SERPONTE tá aí Porrada no gayrani CUZÃO!</p>	<p>Pra torcer pra PONTE PRETA É uma grande curtição</p> <p>Sou da MACACA sou da SERPONTE Eu sou fiel de coração Sou da macaca sou da SERPONTE Eu sou fiel de coração Tem batuque de primeira Tem bandeira de montão É a SERPONTE que faz a festa Que faz a força desse povão Nossa torcida é valente E dá porrada de montão</p> <p>A fúriaCÚ é diferente Só tem viado, só tem cuzão</p> <p>Torcedor PONTEPRETANO Não tem medo de morrer Pelo amor à PONTE PRETA dá porrada pra valer A SERPONTE vai pra campo com bandeira e rojão que beleza é a SERPONTE que levanta o povão Olêê Oláíá Essa torcida é foda e não para de cantar</p> <p>Eu sou da SERPONTE DA SERPONTE eu sou sou da PONTE PRETA incentivo e amor SERPONTE É SERPONTE SERPONTE É SERPONTE só da SERPONTE EEEEEEEEE bota pra fuder</p>
--	--	---

[www.serponte.com.br](http://www.serponte.com.br)